

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE ARTES VISUAIS
LARA CAROLINA CARVALHO DE SOUZA

Casa Dentro: Espaço de acolhimento para mulheres
vítimas de violência doméstica

GOIÂNIA
2026



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE ARTES VISUAIS

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DE GRADUAÇÃO NO REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio do Repositório Institucional (RI/UFG), regulamentado pela Resolução CEPEC no 1240/2014, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei no 9.610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo dos Trabalhos de Conclusão dos Cursos de Graduação disponibilizado no RI/UFG é de responsabilidade exclusiva dos autores. Ao encaminhar(em) o produto final, o(s) autor(a)(es)(as) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação (TCCG)

Nome(s) completo(s) do(a)(s) autor(a)(es)(as): Lara Carolina Carvalho de Souza

Título do trabalho: CASA DENTRO: espaço de acolhimento para mulheres vítimas de violência doméstica

2. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador) Concorda com a liberação total do documento [X] SIM [] NÃO¹

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante: a) consulta ao(à)(s) autor(a)(es)(as) e ao(à) orientador(a); b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo do TCCG. O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro.

Obs.: Este termo deve ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.



Documento assinado eletronicamente por **Lara Carolina Carvalho De Souza, Discente**, em 27/05/2026, às 10:32, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Adriana Mara Vaz De Oliveira, Professor do Magistério Superior**, em 12/06/2026, às 14:23, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **6217117** e o código CRC **6FD1661D**.

Referência: Processo nº 23070.025911/2026-69

SEI nº 6217117

Casa Dentro: Espaço de acolhimento para mulheres
vítimas de violência doméstica

Trabalho de Conclusão de Curso de
Graduação em Arquitetura e Urbanismo
da Faculdade de Artes Visuais da
Universidade Federal de Goiás, como
requisito parcial para obtenção do título
de bacharel em Arquitetura e Urbanismo

Orientadora: Adriana Mara Vaz de
Oliveira
Co-orientadora: Thalita Pereira Fonseca

GOIÂNIA
2026

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração
Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Souza, Lara Carolina Carvalho de
Casa Dentro [e-book]: Espaço de acolhimento para mulheres vítimas
de violência doméstica / Lara Carolina Carvalho de Souza. - 2026.
127 f.: il.

Orientadora: Prof(a). Dra. Adriana Mara Vaz de Oliveira ; .
co-orientadora: Dra. Thalita Pereira Fonseca

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal
de Goiás, Faculdade de Artes Visuais (FAV), Arquitetura e Urbanismo, Goiânia,
2026.

Ilustrações.

Bibliografia.

Inclui: siglas, mapas, tabelas, grafico.

1. Violência Doméstica. 2. Acolhimento. 3. Mulheres. 4. Arquitetura.

5. Bem-estar.

I. Oliveira, Adriana Mara Vaz de, orient. II. Fonseca, Thalita Pereira, co-orient.

III. Título.

CDU 72



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE ARTES VISUAIS

ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Aos vinte e cinco dias do mês de junho do ano de 2026 iniciou-se a sessão pública de defesa do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulado “CASA DENTRO: espaço de acolhimento para mulheres vítimas de violência doméstica”, de autoria de Lara Carolina Carvalho de Souza, do curso de Arquitetura e Urbanismo, da Faculdade de Artes Visuais da UFG. Os trabalhos foram instalados pela orientadora, prof.^a Dr.^a Adriana Mara Vaz de Oliveira (FAV/UFG) com a participação dos demais membros da Banca Examinadora: prof.^a Dr.^a Thalita Pereira da Fonseca (coorientadora) (FAV/UFG); prof. Dr. Bráulio Vinícius Ferreira (FAV/UFG); prof. Dr. Fernando Antonio Oliveira Mello (FAV/UFG); e Arquiteta Maiári Cruz Iasi (membra externa). Após a apresentação, a banca examinadora realizou a arguição da estudante. Posteriormente, de forma reservada, a Banca Examinadora atribuiu a nota final de 9,0 (nove) , tendo sido o TCC considerado aprovado.

Proclamados os resultados, os trabalhos foram encerrados e, para constar, lavrou-se a presente ata que segue assinada pelos Membros da Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Thalita Pereira Da Fonseca, Professora do Magistério Superior**, em 26/06/2026, às 17:56, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Braulio Vinicius Ferreira, Professor do Magistério Superior**, em 26/06/2026, às 18:05, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Adriana Mara Vaz De Oliveira, Professor do Magistério Superior**, em 26/06/2026, às 18:05, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Fernando Antonio Oliveira Mello, Professor do Magistério Superior**, em 26/06/2026, às 18:35, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **MAIÁRI CRUZ IASI, Usuário Externo**, em 30/06/2026, às 16:58, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **6217122** e o código CRC **626DE287**.

RESUMO:

O presente trabalho propõe a Casa Dentro, um espaço de acolhimento para mulheres em situação de violência doméstica e seus filhos(as), localizado em Goiânia, que integra moradia temporária, espaços de convivência e atividades terapêuticas, buscando contribuir para a reconstrução da autonomia de suas usuárias. A pesquisa discute a violência doméstica contra mulheres no Brasil, com foco no estado de Goiás e na cidade de Goiânia, destacando seu caráter estrutural e persistente e reconhecendo os espaços de acolhimento como uma estratégia essencial de proteção imediata e rompimento do ciclo de violência. Fundamentado no levantamento de dados, políticas públicas e referências arquitetônicas voltadas ao acolhimento e ao bem-estar, o projeto explora o potencial da arquitetura como ferramenta de proteção e cuidado, propondo ambientes que conciliam segurança, privacidade, convivência e contato com a natureza.

Palavras-chave: Violência doméstica; acolhimento; mulheres; arquitetura; bem-estar.

SUMMARY:

This work proposes Casa Dentro, a shelter for women experiencing domestic violence and their children, located in Goiânia, Brazil. The project integrates temporary housing, shared living spaces, and therapeutic activities, aiming to contribute to the restoration of its residents' autonomy. The research discusses domestic violence against women in Brazil, with a focus on the state of Goiás and the city of Goiânia, highlighting its structural and persistent nature while recognizing shelters as an essential strategy for immediate protection and for breaking the cycle of violence. Based on the analysis of data, public policies, and architectural references focused on shelter and well-being, the project explores the potential of architecture as a tool for protection and care, proposing spaces that reconcile safety, privacy, social interaction, and contact with nature.

Keywords: Domestic violence; shelter; women; architecture; well-being.



CASA DENTRO

espaço de acolhimento para mulheres vítimas
de violência doméstica

CASA DENTRO:

espaço de acolhimento para mulheres vítimas de violência doméstica



Trabalho de Conclusão de Curso

Universidade Federal de Goiás
Faculdade de Artes Visuais
Arquitetura e Urbanismo

Discente: Lara Carolina C. de Souza
Orientadora: Adriana Mara Vaz
Co-orientadora: Thalita P. Fonseca

Goiânia, junho de 2026.

Resumo

O presente trabalho propõe a Casa Dentro, um espaço de acolhimento para mulheres em situação de violência doméstica e seus filhos(as), localizado em Goiânia, que integra moradia temporária, espaços de convivência e atividades terapêuticas, buscando contribuir para a reconstrução da autonomia de suas usuárias. A pesquisa discute a violência doméstica contra mulheres no Brasil, com foco no estado de Goiás e na cidade de Goiânia, destacando seu caráter estrutural e persistente e reconhecendo os espaços de acolhimento como uma estratégia essencial de proteção imediata e rompimento do ciclo de violência. Fundamentado no levantamento de dados, políticas públicas e referências arquitetônicas voltadas ao acolhimento e ao bem-estar, o projeto explora o potencial da arquitetura como ferramenta de proteção e cuidado, propondo ambientes que conciliam segurança, privacidade, convivência e contato com a natureza.

Palavras-chave: Violência doméstica; acolhimento; mulheres; arquitetura; bem-estar.

Agradecimentos

Agradeço e dedico este trabalho, primeiramente, à minha mãe Vera, que sentiu todas as dores e delícias desse trajeto ao meu lado, quase como se fosse seu.

Às minhas segundas mães: Silvia, Sandra, Vilma e Amparo. Ter nascido em uma família chefiada por mulheres é, certamente, a maior dádiva da minha vida. Vejo vocês em tudo; sou porque vocês me permitiram ser. À vocês todas as minhas conquistas.

Às minhas orientadoras, Adriana e Thalita, que pacientemente seguraram minha mão durante essa jornada acreditando em mim como acredito nelas.

Aos amigos que o curso de Arquitetura e Urbanismo me trouxe, com quem vivi as mais divertidas lembranças.

Às amigas de antes mesmo da faculdade que, durante todos esses anos, enxergaram em mim a mesma essência de sempre, apesar de todas as transformações que a arquitetura me trouxe.

Ao Fernando, meu companheiro amado, pelos ouvidos atentos e o cuidado incessante.

À minha analista, Helena, por enxergar que este trabalho sempre foi, na verdade, um profundo caminho de autoconhecimento.

Sumário

Abrindo o caminho | 15

Parte I: Sentindo o problema | 19

01. Discutindo a violência contra mulher | 21

02. Políticas públicas para o enfrentamento da violência doméstica no Brasil

03. Mapeando o acolhimento: a rede de atendimento | 39

Parte 2: Pensar a Casa Dentro | 47

04. Arquitetura do acolhimento | 49

05. Estudo de caso | 63

Parte 3: Projetar a Casa Dentro | 69

06. Programa de necessidades | 71

07. Estudo do lugar | 75

08. Partido arquitetônico | 85

09. Projeto arquitetônico | 87

Trilhado o caminho | 123

Referências bibliográficas | 125

Abrindo o caminho

A violência de gênero, especialmente em sua dimensão doméstica, constitui um problema estrutural e persistente no Brasil, com índices que superam a média global, de acordo com uma pesquisa realizada pela Organização Mundial da Saúde (OMS) compreendendo o período de 2000 a 2018 (Organização Mundial da Saúde, 2018). Segundo o relatório “Visível e Invisível: a Vitimização de Mulheres no Brasil”, organizado pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública em 2025, mais de **21 milhões** de brasileiras sofreram algum tipo de violência apenas em 2024, sendo que grande parte das agressões ocorre dentro do espaço doméstico, transformando o lar em ambiente de risco e vulnerabilidade.

Em Goiás, os números acompanham a tendência nacional. Em 2025, o estado registrou mais de **35 mil** novos casos de violência doméstica e familiar apenas nos oito primeiros meses do ano, dos quais mais de 10 mil ocorreram em Goiânia (Conselho Nacional de Justiça, 2025). Esses números refletem a dimensão e a persistência da violência no estado e na capital.

Embora políticas públicas como a *Lei Maria da Penha* e a *Rede de atendimento à mulher em situação de violência*, incluindo as casas de acolhimento, representem avanços importantes, ainda persistem desafios significativos. Entre eles, destaca-se o número limitado de vagas nas unidades de acolhimento às mulheres vítimas de violência que se encontram em risco de morte.

Segundo a Delegacia Especializada no Atendimento à Mulher (DEAM) Estadual de Goiânia (2025), uma média de **3,4 mulheres** são encaminhadas para casas de acolhimento por mês. Em 2025, até o mês de setembro, foram registrados 31 encaminhamentos, dos quais dois não puderam ser realizados por

falta de vagas. Esse número, apesar de relativamente baixo, diz respeito à integridade física e, muitas vezes, à própria vida de mulheres que já vivem em um ciclo de violência.

Diante desse cenário, este trabalho propõe o desenvolvimento de um **espaço arquitetônico de acolhimento para mulheres em situação de violência doméstica e seus filhos(as) em Goiânia**, destinado a ampliar a oferta de vagas deste serviço na cidade. A proposta busca integrar moradia temporária, ambientes destinados a terapias ocupacionais, lazer e convivência - como espaços para atividades físicas, ateliês, biblioteca e brinquedoteca - com o objetivo de promover proteção, recuperação, bem-estar e ampliar suas perspectivas de futuro.

A atmosfera e as diretrizes do projeto nascem do desejo de construir uma espécie de refúgio: um espaço seguro, que se distancia do mundo lá fora - ainda que mantenha com ele um diálogo - e que promove bem-estar para que se possa permanecer em seu interior com conforto físico e psicológico, distanciando-se da lógica de confinamento.

Dessa ideia nasce também o nome do projeto: ***Casa Dentro***, refletindo essa dupla dimensão entre o “dentro” que diz respeito ao interior do espaço físico de abrigo, mas também de um encontro com o interior de si mesmo. Casa e corpo como sinônimos.

Para isso, a proposta se ancora no conceito de humanização dos espaços: a utilização de atributos ambientais, como a presença de espaços verdes e o estímulo à convivência coletiva, sem abrir mão da garantia da privacidade (Vasconcelos, 2004) - aspecto tão importante para a manutenção da individualidade do indivíduo (Savi, 2018).

Diante disso, este trabalho se organiza em três partes que estruturam o percurso feito. A *Parte I: Sentir o problema* reúne os fundamentos necessários para compreender a violência de gênero e a violência doméstica e familiar, bem como um panorama de dados, políticas públicas e serviços de atendimento no Brasil, no estado de Goiás e na cidade de Goiânia, situando o contexto em que o projeto se insere. A *Parte II: Pensar a Casa Dentro* desenvolve as diretrizes conceituais relacionadas à arquitetura do acolhimento e abrange os estudos de caso, referências importantes para o projeto proposto. Por fim, a *Parte III: Projetar a Casa Dentro* apresenta o desenvolvimento do programa de necessidades, das análises do terreno e do entorno e do partido, culminando na proposta arquitetônica, produto final deste trabalho.

PARTE 01:

SENTIR O PROBLEMA

A violência doméstica tem suas raízes fincadas na desigualdade de gênero, uma das estruturas mais firmes da nossa sociedade, e atravessa a arquitetura quando **nega à pessoa agredida o direito de habitar com dignidade**. Assim como na cidade a liberdade de ir e vir não é dada às mulheres com integridade e segurança (Berth, 2023), a casa - que deveria ser um local de fortalecimento da noção individual de identidade e existência (Gunter, 2000 *apud* Higuchi, 2003, p. 51) - é transformada em cenário de abuso com a presença da violência.

Portanto, a primeira parte deste trabalho abrange a conceituação de violência de gênero e violência doméstica e familiar, entendendo suas dinâmicas, seguida de um levantamento de dados de casos no Brasil, no estado de Goiás e na cidade de Goiânia, no sentido de entender a magnitude da problemática. Buscou-se estabelecer, também, um panorama geral a respeito de políticas públicas e serviços de atendimento direcionado às mulheres vítimas de violência tanto em âmbito nacional quanto local, a fim de evidenciar suas potencialidades e limitações.



01. Discutindo a violência contra à mulher

A violência de gênero é definida pela Convenção de Belém do Pará de 1994 como “qualquer ato ou conduta baseada no gênero, que cause morte, ano ou sofrimento físico, sexual ou psicológico à mulher, tanto na esfera pública como na esfera privada” (Brasil, 1996, p. 1). Os impactos desse tipo de violência atingem mulheres cisgênero, pessoas trans, travestis e outras identidades da comunidade LGBTQIA+, limitando seus direitos e autonomia, e manifesta-se em diferentes âmbitos, incluindo o espaço doméstico, o institucional e o comunitário (Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2025).

A psicóloga norte-americana Lenore Walker (1979) identificou um padrão na forma como as agressões por parte do parceiro acontecem, o que ela chama de “ciclo da violência”, que ocorre em três fases.



A forma com a qual o ciclo da violência conjugal se desenrola gera um sentimento de impotência nas vítimas que vêem-se presas numa teia de agressividade e carinho - diametralmente opostos que, quando juntos, mexem com a noção de clareza dessas mulheres. Romper esse ciclo é extremamente difícil, uma vez que implica reconhecer-se enquanto abusada por alguém que ama. Muitas vezes, mesmo as mulheres que tomam a iniciativa de denunciar seus agressores, acabam desistindo de manter a denúncia e aceitando a violência como rotina (Galvão, 2004, p. 97 *apud* Carloto; Calão, 2006, p. 210).

Essas estratégias de dominação sobre a vida das mulheres foram sistematizadas pelo sociólogo Evan Stark (Stark, 2007; Stark; Hester, 2018 *apud* Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2025, p. 20), que cunhou o conceito de “controle coercitivo”. Para ele, a coerção se manifesta no uso da força ou da ameaça para obrigar ou impedir a mulher de agir de determinada forma, enquanto o controle envolve formas estruturais de limitação da autonomia e imposição de obediência. Quando ambos ocorrem simultaneamente, a mulher se encontra em situação de “aprisionamento”, tendo sua autonomia severamente restringida.

O Brasil se destaca negativamente em relação aos índices de violência de gênero:

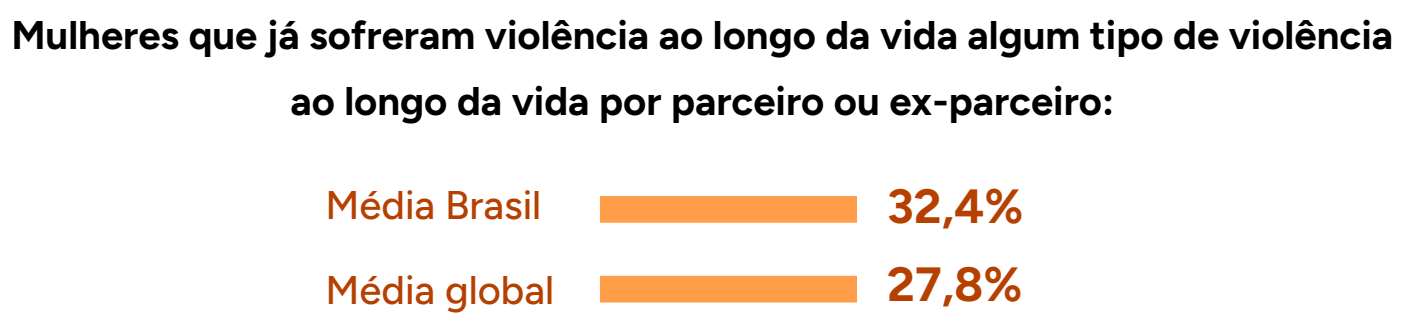


Figura 2: Dados de violência de gênero no Brasil. **Fonte:** Adaptado de Organização Mundial de Saúde (2018). Disponível em: <<https://vaw-data.srhr.org/data>>. Acesso em 11 set. 2025.

Violência contra à mulher no último ano (2024-2025)

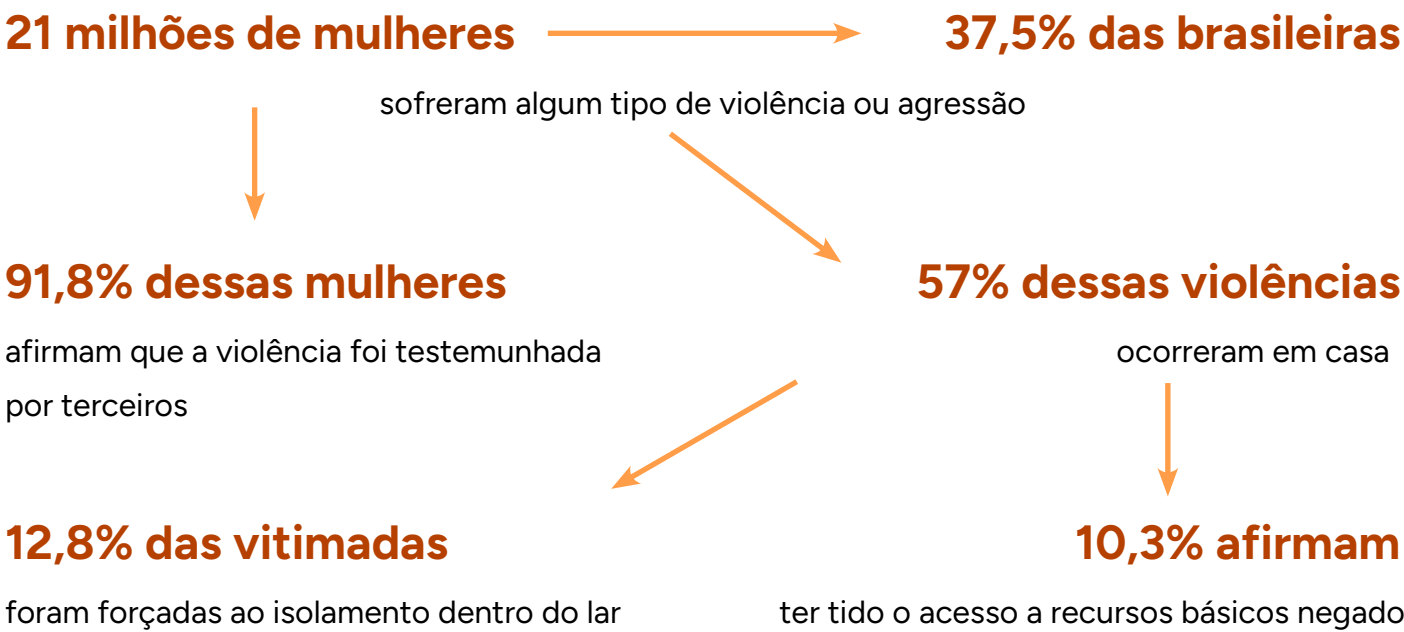


Figura 3: Dados de violência de gênero no Brasil de 2024 a 2025. **Fonte:** Adaptado de Fórum Brasileiro de Segurança Pública (2025). Disponível em: <<https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2025/03/visiveleinvisivel-2025-infografico.pdf>>. Acesso em 10 set. 2025.

Esses números reforçam a dimensão pública e social da violência de gênero e a responsabilidade coletiva no combate a ela, que já se tornou um fenômeno cotidiano e visível na vida da população como um todo, afetando vínculos familiares e comunitários. A exposição a esse tipo de comportamento pode gerar uma naturalização de comportamentos abusivos e, no pior caso, a reprodução.

Com base nos registros do Sistema de Informações sobre Mortalidade (SIM), um banco de dados do Ministério da Saúde que reúne informações de óbitos registrados no país (Brasil, 2025a) - confirmando os dados trazidos anteriormente -, a maioria dos homicídios de mulheres acontece em suas residências, o que torna a violência de caráter doméstico a maior causa de feminicídio no Brasil (ANDES, 2025). Ou seja, **a lógica da casa como espaço de construção de subjetividade e identidade** (Gunter, 2000 *apud* Higuchi, 2003, p. 51) se inverte, e ela passa a ser um mecanismo de opressão.

A violência doméstica e familiar contra a mulher é definida pela Lei Maria da Penha (Brasil, 2006) como:

[...] qualquer ação ou omissão baseada no gênero que lhe cause morte, lesão, sofrimento físico, sexual ou psicológico e dano moral ou patrimonial: I - no âmbito da unidade doméstica, compreendida como o espaço de convívio permanente de pessoas, com ou sem vínculo familiar, inclusive as esporadicamente agregadas; II - no âmbito da família, compreendida como a comunidade formada por indivíduos que são ou se consideram aparentados, unidos por laços naturais, por afinidade ou por vontade expressa; III - em qualquer relação íntima de afeto, na qual o agressor conviva ou tenha convivido com a ofendida, independentemente de coabitação.

Segundo o Painel Violência Contra a Mulher, iniciativa do Conselho Nacional de Justiça (CNJ) lançado em 2025, foram registrados **628.382 novos casos de violência doméstica no Brasil**, somente até setembro do mesmo ano. Em 2024, o total foi de 1.002.642 casos. Esses números evidenciam a urgência de políticas públicas integradas para o enfrentamento da violência doméstica em suas múltiplas complexidades

Além do cenário nacional, o contexto regional também revela índices preocupantes:

Casos de violência doméstica em Goiás e Goiânia nos primeiros 8 meses de 2025



Figura 4: Dados de violência de gênero em Goiás e Goiânia. **Fonte:** Adaptado de Conselho Nacional de Justiça (2025). Disponível em: <<https://justica-em-numeros.cnj.jus.br/painel-violencia-contra-mulher/>>. Acesso em 11 set. 2025.

A complexidade da violência de caráter doméstico, refletida nos dados e no referencial teórico apresentados, evidencia que ela não é um fenômeno isolado, resguardado ao âmbito da família. Pelo contrário, a violência de gênero, em todas as suas manifestações, é um **problema estrutural**, cuja superação exige ações coletivas e institucionais que ultrapassem a esfera individual. Desse modo, o capítulo seguinte abordará um panorama das políticas públicas voltadas ao enfrentamento da violência doméstica existentes no Brasil.

02. Políticas públicas para o enfrentamento da violência doméstica no Brasil

Linha do tempo

Década de 80: primeiras iniciativas	A partir da criação da Secretaria de Políticas para as Mulheres (SPM), passou-se a planejar políticas públicas integradas e a destinar recursos específicos para os serviços de atendimento existentes (Brasil, 2011b).	2004: Diretrizes	A <i>Central de Atendimento à Mulher – Ligue 180</i> é criada como um canal gratuito de orientação, denúncias e encaminhamento. Ela fortalece a rede de proteção ao facilitar o acesso das mulheres aos serviços de apoio (Brasil, 2011b).	2006: Lei Maria da Penha	É criada uma Política Nacional e um Pacto Nacional, que consolidam a rede integrada de enfrentamento. O Pacto define responsabilidades entre União, estados e municípios, e a Política Nacional detalha o funcionamento da rede de serviços (Brasil, 2011a; 2011c).
Criação da primeira Delegacia de Defesa da Mulher e do Conselho Nacional dos Direitos da Mulher (CNDM) e da primeira casa de acolhimento de mulheres em situação de risco. Os serviços se limitavam a esses, sem articulação entre si (Silveira, 2006 <i>apud</i> Brasil, 2011a, p. 6).	2003: início da política	Realização da I Conferência Nacional, que amplia o debate sobre violência de gênero e resulta no Plano Nacional de Políticas para as Mulheres, que define diretrizes para consolidar uma rede articulada de serviços, envolvendo saúde, justiça, assistência social, segurança pública e moradia (Brasil, 2004).	2005: Central Ligue 180	A Lei Maria da Penha transforma o combate à violência no país: tipifica a violência doméstica, cria medidas protetivas, aumenta a responsabilização do agressor e orienta a criação de serviços especializados e intersetoriais de atendimento (Brasil, 2011b; Brasil, 2006a).	2007: Criação da rede integrada de atendimento

Figura 5: Linha do tempo das políticas públicas para o enfrentamento à violência doméstica no Brasil. **Fonte:** da autora.

A linha do tempo evidencia o caminho percorrido pelo Estado brasileiro na construção de políticas públicas de enfrentamento à violência contra a mulher, desde as primeiras iniciativas dos anos 1980 até a consolidação dos serviços que compõem a rede de atendimento atual. Esse percurso demonstra como ações isoladas se transformaram, ao longo das décadas, em um conjunto de serviços que atuam de forma integrada para garantir prevenção, acolhimento, proteção e responsabilização dos agressores.

Nesse contexto histórico, a rede de atendimento representa o resultado mais estruturado desse processo. Ela engloba desde equipamentos especializados ao atendimento às mulheres - como Centros de Referência, Casas-Abrigo, Delegacias Especializadas de Atendimento à Mulher (DEAMs), Defensorias da Mulher e Juizados de Violência Doméstica - até serviços não especializados, como CRAS, CREAS, unidades de saúde, forças policiais e o IML (Brasil, 2011a). As DEAMs¹ se destacam por oferecer atendimento humanizado e equipes multidisciplinares (Brasil, 2025b), contando hoje com 22 unidades em Goiás (Goiás, 2019), duas delas em Goiânia (SINPOL, 2025). Também compõem essa estrutura as Patrulhas Maria da Penha², presentes em 22 municípios do estado, atuando no acompanhamento de mulheres com medidas protetivas.

¹ Para garantir um padrão de atendimento em todo o país, foram lançados documentos como a Norma Técnica de Padronização das DEAMs (2006, atualizada em 2010) e, mais recentemente, o Caderno Temático de Referência “Padronização Nacional das Delegacias Especializadas de Atendimento à Mulher – DEAMs” (Brasil, 2025b), incorporando condutas e critérios a serem seguidos pelas unidades policiais no atendimento à mulheres que tenham sofrido violência de gênero (Brasil, 2025b).

² A iniciativa também passou por padronização nacional, consolidada no Caderno Temático “Padronização das Patrulhas Maria da Penha” (Brasil, 2025c), unificando orientações sobre estrutura, equipe, formação e procedimentos, integrando-as à rede de atendimento.

Entre os diversos equipamentos existentes, dois se mostram especialmente relevantes para este trabalho: a **Casa da Mulher Brasileira** e as **Casas-Abrigo**, que materializam de forma mais direta os princípios de acolhimento. A análise desses modelos permite compreender conquistas já consolidadas, identificar desafios e orientar decisões arquitetônicas e funcionais para o espaço proposto.

2.1 Casa da Mulher Brasileira

A Casa da Mulher Brasileira (CMB) é uma iniciativa que faz parte do Programa Mulher: Viver Sem Violência, lançado em 2013 pelo Governo Federal. A grande contribuição da proposta é oferecer um atendimento multidisciplinar e humanizado às mulheres integrando, no mesmo espaço, diversos serviços especializados. O complexo é composto por: acolhimento e triagem; apoio psicossocial; delegacia; Juizado; Ministério Público, Defensoria Pública; promoção de autonomia econômica; brinquedoteca; alojamento de passagem e central de transportes (Brasil, s.d.).

O objetivo do equipamento é **evitar a revitimização da mulher durante o percurso de busca por atendimento** - geralmente fragmentado -, facilitando o acesso aos serviços e encorajando o rompimento do ciclo de violência (Brasil, 2015).

As unidades da CMB seguem um projeto arquitetônico padronizado, elaborado para garantir integração entre os serviços, conforto e segurança, redução de custos e promover unidade visual entre as sedes nas diferentes capitais, tornando-se um marco de referência nacional (Figura 6) (Brasil, 2015).



Figura 6: Fachada da Casa da Mulher Brasileira em Brasília. **Fonte:** Canes, 2015. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2015-05/centro-reune-servicos-para-atender-melhor-mulheres-vitimas-de-violencia-no-df>>. Acesso em 13 out. 2025.

Ao adentrar a CMB, encontra-se o espaço de triagem, localizado no hall de entrada. A disposição dos ambientes, bem como o acesso a eles, se dá através de um pátio interno, que interliga os blocos de cada serviço e cria um espaço de lazer e convivência (Figuras 7 e 8) (Beliato, 2019).

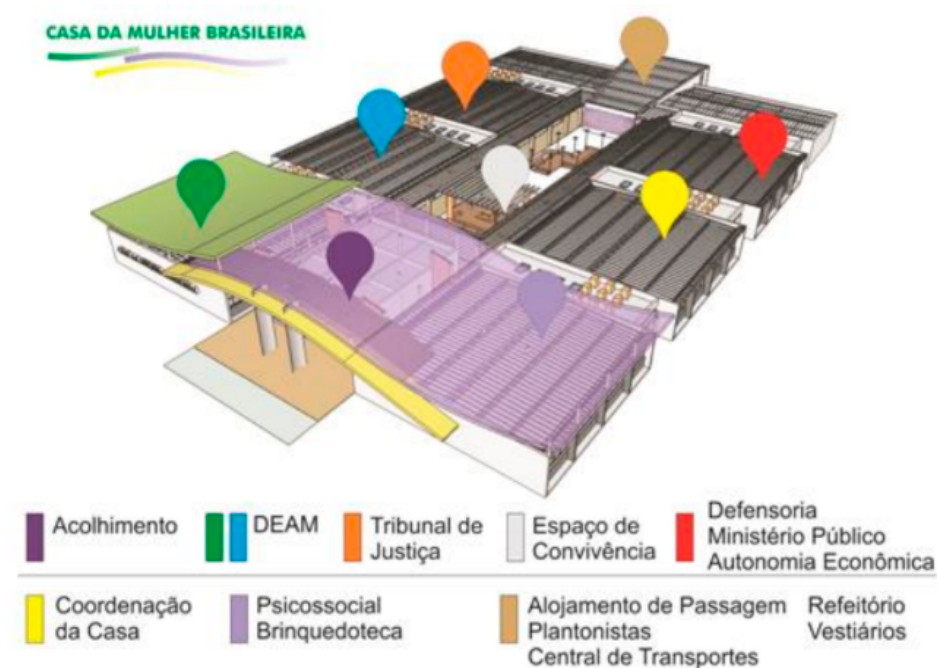


Figura 7: Divisão dos serviços na Casa da Mulher Brasileira. **Fonte:** Cartilha de diretrizes gerais Casa da Mulher Brasileira, 2015 *apud* Beliato, 2019, p. 24. Disponível em: <https://www.unipar.br/documentos/681/A_reexistencia_feminina_proposta_de_reinser%C3%A7ao_da_mulher_na_sociedade.pdf>. Acesso em 16 out. 2015.



Figura 8: Divisão dos serviços na Casa da Mulher Brasileira. **Fonte:** Cartilha de diretrizes gerais Casa da Mulher Brasileira, 2015 *apud* Beliato, 2019, p. 24. Disponível em: <https://www.unipar.br/documentos/681/A_reexistencia_feminina_proposta_de_reinser%C3%A7ao_da_mulher_na_sociedade.pdf>. Acesso em 16 out. 2015.

O alojamento de passagem, localizado no final do percurso criado pela casa, tem um tempo máximo de permanência de **até 48 horas** (ONU Mulheres, 2021). Após esse prazo, elas são encaminhadas de volta para suas residências, para casas de familiares ou para outros serviços de abrigo, como as Casas-Abrigo (Ayres, 2017).

Segundo a Secretaria Municipal de Políticas para as Mulheres, Assistência Social e Direitos Humanos (SEMASDH) (Goiânia, 2020) e o Painel de Monitoramento da Casa da Mulher Brasileira (Brasil, 2025d), está em obra uma unidade da CMB na cidade de Goiânia, que será vinculada à Secretaria Municipal de Políticas para as Mulheres (SMPM). Essa unidade será localizada no Setor Goiânia II (Figura 9).



Figura 9: Localização da Casa da Mulher Brasileira. **Fonte:** Painel de Monitoramento da Casa da Mulher Brasileira, 2015d. Disponível em: <<https://www.gov.br/mulheres/pt-br/acao-a-informacao/acoes-e-programas/casa-da-mulher-brasileira/paineldemonitoramento>>. Acesso em: 16 set 2025.

2.2 Casa-Abrigo

As Casas-Abrigo constituem um serviço fundamental da rede de atendimento às mulheres em situação de violência no Brasil e constituíram a primeira resposta do Estado brasileiro para as mulheres em situação de violência sob grave ameaça e risco de morte (Brasil, 2011d).

O termo de referência para implantação e implementação de Casas-Abrigo (Brasil, 2006b, p. 8) define que:

As Casas-Abrigo são locais seguros que oferecem abrigo protegido e atendimento integral a mulheres em situação de risco de vida iminente, em razão de violência doméstica. É um serviço de caráter sigiloso e temporário, onde as usuárias poderão permanecer por

um período determinado, durante o qual deverão reunir condições necessárias para retomar o curso de suas vidas.

Diferentemente da Casa da Mulher Brasileira, cujo acolhimento é de até 48h, as Casas-Abrigo oferecem moradia temporária por um período maior e proteção integral às mulheres e seus acompanhantes ali residentes. Os documentos oficiais do governo federal não especificam uma norma única que indique o período máximo, entretanto, o tempo de permanência costuma ser de **até 90 dias** (CNJ, 2018), podendo ser prorrogado, conforme a necessidade do caso³ (Brasil, 2011d).

Para que a mulher seja efetivamente recebida em uma Casa-Abrigo, as Diretrizes Nacionais para o Abrigamento (Brasil, 2011d) afirmam que é necessário que ela seja encaminhada e acompanhada por serviços especializados - por exemplo, os centros de referência da mulher -, articulados com órgãos da segurança pública, visto que se trata de situações onde a proteção integral é indispensável.

No que tange os requisitos mínimos para uma Casa-Abrigo, o termo de referência para implantação e implementação destas casas (Brasil, 2006b) estabelece algumas diretrizes apresentadas nas figuras 10 e 11.

³ Não é incomum, entretanto, existir Casas-Abrigo que permitem a permanência por um período maior, como no caso da cidade de São Paulo, onde há a possibilidade de estender o abrigamento por até 180 dias (São Paulo, 2008).

Espaços e infraestrutura mínima recomendada para uma Casa-Abrigo	
Categoria	Requisitos
Localização	Preferencialmente em área residencial, com aparência discreta, sem guaritas ou placas de identificação
Área mínima	Pelo menos 10 m² por pessoa
Espaços coletivos	Salas de convivência, reuniões e oficinas; refeitório e cozinha, áreas de lazer, lavanderia
Espaços infantis	Brinquedoteca e áreas de recreação, com preferência para áreas externas
Espaços administrativos	Salas para equipe técnica
Espaços privativos	Dormitórios e sanitários
Demais espaços	Local adequado para primeiros socorros e armazenamento de medicamentos

Figura 10: Espaços e infraestrutura mínima recomendada para uma Casa-Abrigo. **Fonte:** Adaptado de Brasil, 2011d. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/institucional/omv/copy_of_acervo/outras-referencias/copy2_of_entenda-a-violencia/pdfs/diretrizes-nacionais-para-o-abrigamento-de-mulheres-em-situacao-de-risco-e-de-violencia>. Acesso em 11 set. 2025.

Equipe técnica e operacional recomendada	
Categoria	Requisitos
Equipe interdisciplinar permanente	Psicóloga, assistente social, coordenadora e profissional de educação infantil
Equipe de apoio técnico	Nutricionista, enfermeira e advogada (podendo estar vinculadas a outros serviços)
Equipe operacional	Cozinheira, auxiliar de limpeza, segurança e motorista

Figura 11: Equipe técnica e operacional recomendada para uma Casa-Abrigo. **Fonte:** Adaptado de Brasil, 2011d. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/institucional/omv/copy_of_acervo/outras-referencias/copy2_of_entenda-a-violencia/pdfs/diretrizes-nacionais-para-o-abrigamento-de-mulheres-em-situacao-de-risco-e-de-violencia>. Acesso em 11 set. 2025.

2.3 A vivência na Casa-Abrigo

Para compreender de forma mais sensível e concreta a experiência das mulheres em situação de abrigamento, torna-se relevante observar experiências reais de acolhimento já consolidadas. O estudo “A importância e o significado da Casa-Abrigo para mulheres em situação de violência conjugal”, realizado por Carloto e Calão (2006), analisa a experiência de mulheres acolhidas na Casa de Apoio Canto de Dália, localizada em Londrina, Paraná. A pesquisa, conduzida por meio de entrevistas com as moradoras, revela percepções sobre a trajetória no abrigo.

Um dos maiores desafios enfrentados é a convivência com pessoas vindas de contextos diferentes, com jeitos de ser diversos e que precisam compartilhar o mesmo espaço. Muitas delas chegam acompanhadas de seus filhos, o que faz com que diferentes núcleos familiares passem a coabitar, abrindo ainda mais espaço para conflitos. Soma-se a isso o fato de que essas pessoas se encontram em um momento de intenso desgaste emocional, marcado pelo trauma da violência e pela ruptura com sua rotina anterior, além de estarem em uma situação de confinamento temporário - condições que podem intensificar tensões e dificultar a convivência coletiva

Por outro lado, observa-se que a presença dos filhos tende a amenizar o sentimento de solidão experimentado pelas mulheres no abrigo. As entrevistas realizadas pelo estudo afirmaram que na Casa de Apoio Canto de Dália, mulheres desacompanhadas sentem mais dificuldade em permanecer no abrigo por longos períodos, revelando o papel do vínculo familiar como apoio emocional durante o acolhimento.

Ainda segundo Carloto e Calão (2006), uma das ferramentas utilizadas pelas Casas-Abrigo para romper o isolamento que leva à solidão é responsabilizar as abrigadas por algumas das tarefas no cuidado da casa, o que, ao mesmo tempo, permite o estabelecimento de novas rotinas, promovendo o senso de pertencimento.

Em adição, a questão financeira, de modo geral, aparenta ser extremamente preocupante para a maioria das mulheres abrigadas que apresentam dependência financeira em relação a seus parceiros - uma dinâmica que reforça sua vulnerabilidade.

Por isso, um dos principais objetivos da Casa-Abrigo é possibilitar que a mulher retome sua vida de forma autônoma, com condições para exercer sua autonomia e recuperar a autoestima, após sua estadia. A instituição busca integrar a mulher a programas da rede de atendimento que promovam profissionalização, emprego, renda, moradia e acesso a creches, preparando-a para a vida fora do abrigo. Além disso, oferece atendimento psicológico e de serviço social na casa direcionado para que a mulher reconstrua sua estrutura emocional e afetiva, preparando-se para enfrentar o mundo externo de forma mais segura e confiante.

03. Mapeando o acolhimento: a rede de atendimento em Goiânia

Neste item, apresenta-se um panorama dos serviços da rede de atendimento destinados a mulheres em situação de violência em Goiânia. A partir do mapeamento, pôde-se compreender que os equipamentos existentes se localizam, em sua maioria, na **porção central da cidade**.

Em relação à lugares de abrigo, segundo registros da DEAM (2025), existem pelo menos **02 unidades** na cidade. Como esses espaços costumam ser de caráter sigiloso, até mesmo para os funcionários da delegacia com os quais se pôde ter acesso, não foi possível ter um levantamento preciso da quantidade desses equipamentos na cidade. Tem-se conhecimento, no entanto, da *Casa Abrigo Sempre Viva* e do *Centro de Valorização da Mulher* (CEVAM), que serão abordados neste capítulo.

LEGENDA

- Faz parte da rede de atendimento
- Não faz parte da rede de atendimento

1. Delegacia da Mulher (DEAM)

2. Centro de Valorização da Mulher (CEVAM)

3. Centro de Referência da Mulher Cora Coralina

4. Hospital Estadual da Mulher Dr. Jurandir do Nascimento (HEMU)

5. Batalhão Maria da Penha

6. Ouvidoria da Mulher

7. Secretaria Municipal de Políticas para as Mulheres, Assistência Social e Direitos Humanos (Semasdh)

8. Centro de Referência Especializado de Assistência Social (CREAS) Centro Sul
9. CREAS Leste

10. CREAS Norte

11. Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) Vila Isaura

12. CREAS Oeste

13. CRAS Santo Afonso

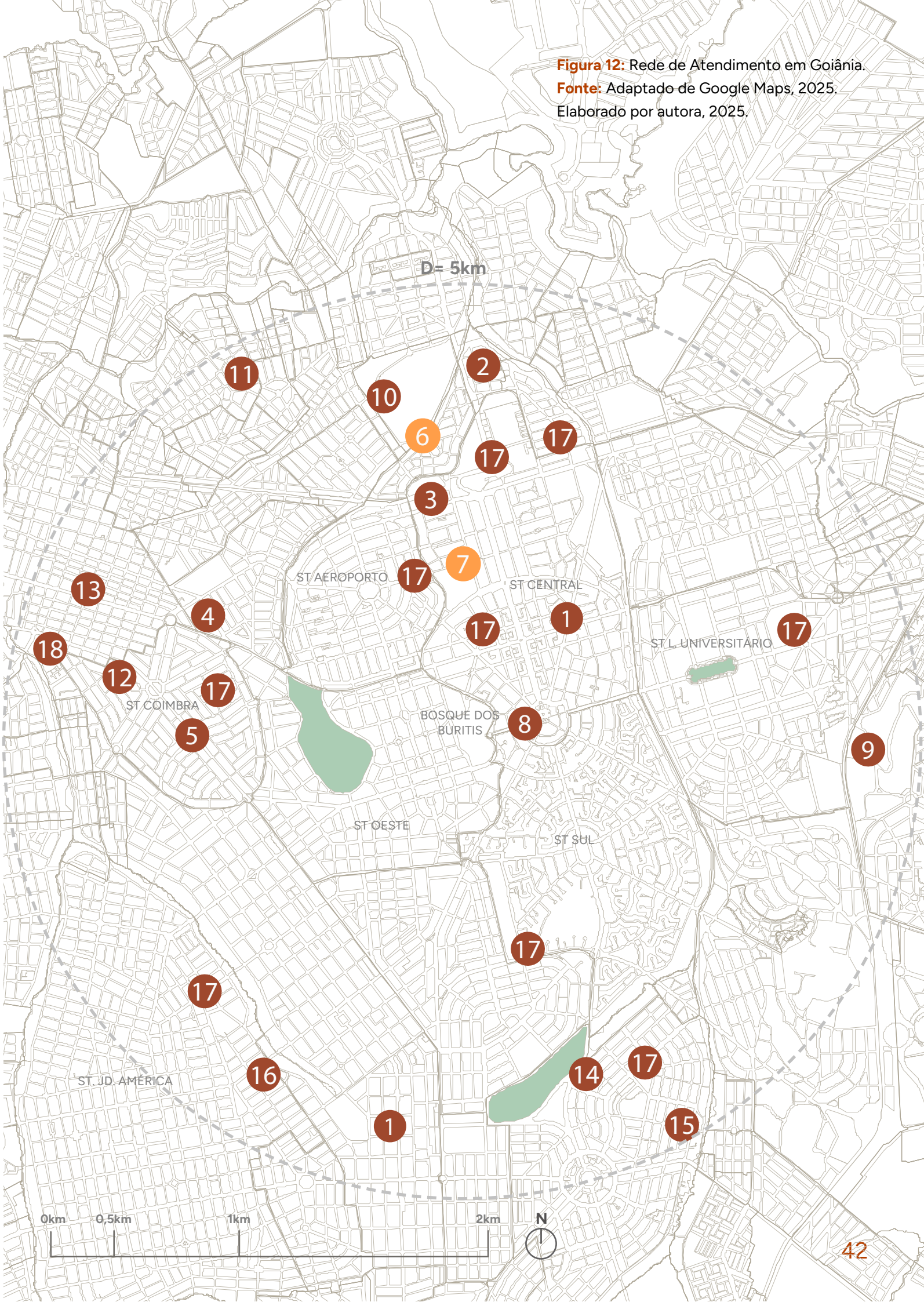
14. CRAS Pedro Ludovico

15. CRAS Vila Redenção

16. CRAS Setor União

17. Polícia Civil e Militar

18. Instituto Médico Legal (IML)



Além da rede especializada, também foram mapeados 02 órgãos governamentais de escuta e articulação voltados às demandas das mulheres, que servem para aproximar o Estado e o Município da comunidade: a Ouvidoria da Mulher, uma unidade da Secretaria de Estado de Desenvolvimento Social (Seds), (Goiás, 2025); e a sede da Secretaria Municipal de Políticas para as Mulheres, Assistência Social e Direitos Humanos (Semasdh), ambas orientam a disponibilidade dos equipamentos da rede e encaminham para outros serviços (Goiás, 2025; Goiânia, s.d.a).

3.1 Casa Abrigo Sempre Viva

A *Casa Abrigo Sempre Viva* constitui um dos espaços de acolhimento para mulheres em situação de violência e risco de morte, bem como para seus filhos(as) na cidade de Goiânia. Por se tratar de um serviço de caráter sigiloso, seu endereço é mantido em confidencialidade para garantir a segurança das acolhidas (Goiânia, s.d.b).

O ingresso na instituição se dá através de encaminhamento da DEAM (Goiânia, s.d.b), e o período de permanência é de **até 90 dias**, podendo ser prorrogado conforme a avaliação da equipe interdisciplinar sobre o caso de cada mulher (Expresso 360, 2023).

Em três anos de funcionamento, o abrigo acolheu 103 mulheres e 93 crianças (Expresso 360, 2023), dispondo atualmente de estrutura para **até 50 pessoas**, entre mulheres e dependentes (Goiânia, 2025). São aceitos acompanhantes do gênero masculino de até 12 anos de idade e meninas de qualquer idade (Goiânia, s.d.b).

Além da moradia temporária, o abrigo oferece atendimento psicológico,

social e jurídico, prestado por uma equipe composta por **16 profissionais**, incluindo psicólogos, assistentes sociais e advogados. O serviço também promove o acesso a programas de saúde, profissionalização, emprego e moradia, fornecendo aos residentes alimentação, roupas e transporte, com veículo e motorista disponíveis em tempo integral (Rádio Bandeirantes Goiás, 2023).

Não foi possível ter acesso a informações sobre o funcionamento do espaço, nem de imagens ou descrições, devido a seu caráter sigiloso. Sabe-se, entretanto, que o abrigo é composto por 10 ambientes, entre eles, uma brinquedoteca, e áreas externas verdes e jardins (Expresso 360, 2023).

3.2 Centro de Valorização da Mulher (CEVAM)

O *Centro de Valorização da Mulher* (CEVAM), localizado em Goiânia (GO), atua desde 1977 no acolhimento de mulheres em situação de violência e risco de morte (Pessoni, 2023). A partir de entrevista com uma funcionária do local (2025), pôde-se ter notícia de que a casa-abrigo possui, atualmente, capacidade para **até 50 pessoas**, incluindo filhos acompanhantes, sendo permitida a entrada de meninos até 10 anos, sem restrição de idade para meninas.

O acesso ao abrigamento na instituição pode ocorrer por meio de encaminhamento da DEAM, da Assistência Social, da Defensoria Pública, do Ministério Público ou através de órgão Judiciário (Pessoni, 2023). No entanto, a funcionária (2025) afirmou que, geralmente, as abrigadas chegam através da DEAM, que também realiza o transporte até a instituição. Além do abrigamento, o CEVAM também presta assistência a mulheres que, mesmo mantendo vínculos familiares, encontram-se temporariamente em vulnerabilidade, oferecendo cestas básicas, auxílio para transporte e participação em atividades formativas

(Pessoni, 2023).

Na entidade, são ofertadas oficinas de artesanato, costura, panificação, informática e beleza, além de aulas de português para migrantes e refugiadas e seus filhos e o funcionamento é mantido por meio de emendas parlamentares, parcerias privadas e doações da sociedade civil (Pessoni, 2023).

Segundo a funcionária (2025), as mulheres acolhidas no CEVAM **não têm autorização para sair da casa-abrigo** durante o período de permanência, ficando integralmente no local por razões de segurança. Saídas externas ocorrem apenas em situações específicas, como consultas médicas, com transporte fornecido pela instituição. Embora o tempo oficial de permanência informado seja de até seis meses, a estadia varia, havendo casos de mulheres que permanecem apenas um ou dois dias e outras que ficam por mais de um ano, sobretudo quando não possuem rede de apoio ou para onde retornar. As crianças e adolescentes em idade escolar que ficam por períodos prolongados são matriculados em escolas da região e são transportados diariamente pelo motorista particular da entidade (Funcionária do CEVAM, 2025).

Atualmente, a casa conta com cerca de **10 funcionários** fixos, entre os quais um médico, assistente social, motorista, recepcionista, tesoureiro e presidente, além de profissionais volantes que prestam serviços esporádicos, como limpeza. A instituição também recebe pessoas encaminhadas para cumprimento de prestação de serviços comunitários por delitos de menor potencial ofensivo (Funcionária do CEVAM, 2025).

Apesar de ter fachada identificada e endereço público, a casa permanece com os portões trancados continuamente, com aberturas que permitem a visibilidade apenas da parte da recepção (Figura 13). O acesso só é permitido

mediante autorização. A área de entrada abriga a recepção (Figura 14) e setores administrativos, e separa-se dos ambientes de convívio das abrigadas por um portão (Figura 15). Os dormitórios coletivos encontram-se no pavimento superior, garantindo maior privacidade (Funcionária do CEVAM, 2025).

Durante a visita, não foi permitido o acesso aos espaços internos de convivência e dormitórios, sendo restrita apenas à área administrativa e de recepção.



Figura 13: Fachada do CEVAM. **Fonte:** Google Maps, 2025.

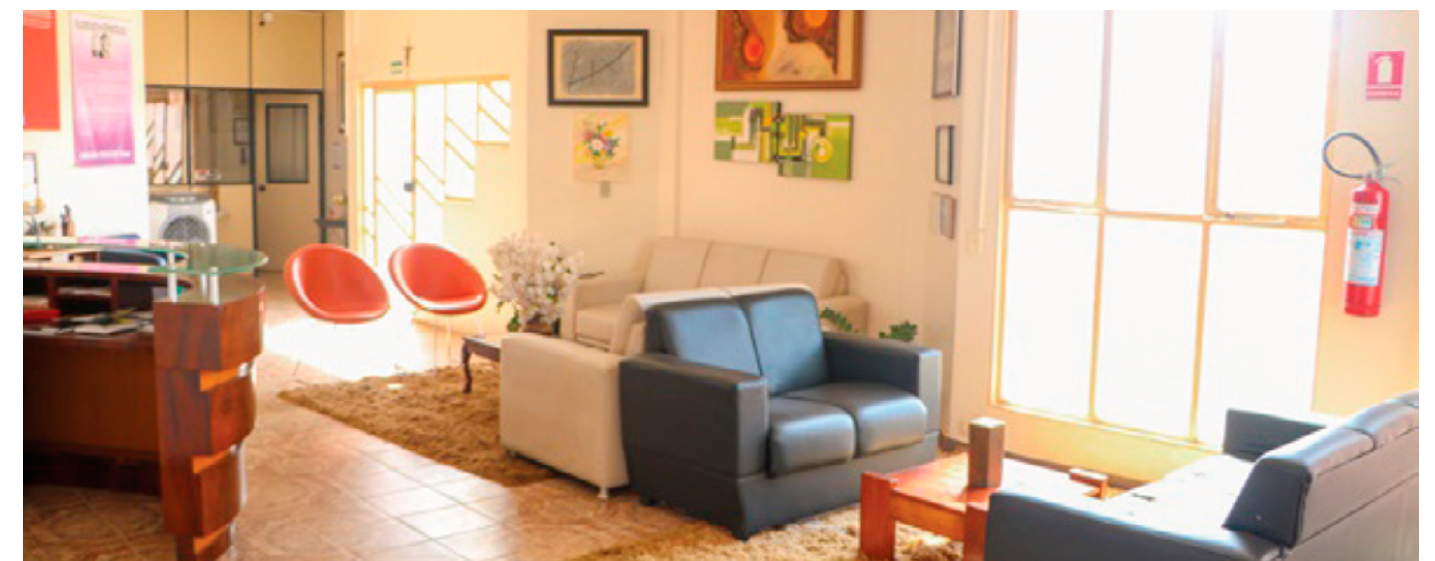


Figura 14: Recepção do CEVAM. **Foto:** Letícia Coqueiro. **Fonte:** Pessoni, 2023. Disponível em <<https://www.aredacao.com.br/colunas/193637/cevam-apoia-e-beneficia-mulheres-ha-42-anos-na-regiao-central-de-goiania>>. Acesso em 21 ago. 25.



Figura 15: Portão que separa os ambientes administrativos dos espaços de convivência das abrigadas no CEVAM. **Foto:** Letícia Coqueiro. **Fonte:** Personi, 2023. Disponível em <<https://www.aredacao.com.br/colunas/193637/cevam-apoia-e-beneficia-mulheres-ha-42-anos-na-regiao-central-de-goiania>>. Acesso em 21 ago. 25.

A entrevistada (2025) também relatou que, com o objetivo de criar uma rotina estruturada, promover a convivência coletiva e evitar o ócio, as mulheres acolhidas participam das atividades cotidianas da casa, especialmente na limpeza dos ambientes e no auxílio na cozinha.



Figura 16: Cozinha do CEVAM. **Foto:** Letícia Coqueiro. **Fonte:** Personi, 2023. Disponível em <<https://www.aredacao.com.br/colunas/193637/cevam-apoia-e-beneficia-mulheres-ha-42-anos-na-regiao-central-de-goiania>>. Acesso em 21 ago. 25.



Figura 17: Refeitório do CEVAM. **Foto:** Letícia Coqueiro. **Fonte:** Personi, 2023. Disponível em <<https://www.aredacao.com.br/colunas/193637/cevam-apoia-e-beneficia-mulheres-ha-42-anos-na-regiao-central-de-goiania>>. Acesso em 21 ago. 25.

3.3 Síntese dos espaços de abrigo em Goiânia

SÍNTESE DOS ESPAÇOS DE ABRIGAMENTO DE GOIÂNIA		
Aspecto	Casa Abrigo Sempre Viva	CEVAM
Capacidade	50 pessoas	50 pessoas
Tempo de permanência	90 dias, com possibilidade de prorrogação	180 dias, com possibilidade de prorrogação
Encaminhamento	Exclusivamente pela DEAM	Principalmente pela DEAM, mas também pela Assistência Social, Defensoria Pública, Ministério Público e Poder Judiciário
Restrição para acompanhantes do gênero masculino	12 anos	10 anos
Equipe	16 profissionais	10 profissionais
Serviços prestados	Atendimento psicológico, social e jurídico; oficinas e cursos profissionalizantes	Atendimento psicológico, social e jurídico, oficinas, cursos profissionalizantes e assistência à mulheres em vulnerabilidade sem necessidade de abrigo
Possibilidade de saída durante o abrigo	Informação desconhecida	Saídas não permitidas
Localização	Sigilosa	Pública

Figura 18: Síntese dos espaços de abrigo em Goiânia. **Fonte:** da autora, 2025.

PARTE 02:

PENSAR A CASA DENTRO

Neste segundo momento, trabalham referências em torno do que é chamado aqui de **arquitetura do acolhimento**: uma reflexão sobre o próprio sentido de acolher e de como o espaço pode atuar como instrumento de amparo, traduzindo-se na materialização da casa e do abrigo. São delineadas **três diretrizes conceituais** para a compreensão dessa arquitetura: a integração com espaços verdes, a privacidade dentro do abrigo e o resguardo do exterior. A partir dessas diretrizes, emerge - como solução projetual que articula e relaciona seus princípios - o pátio interno, aprofundado em um subcapítulo próprio.



04. Arquitetura do acolhimento

Entender a arquitetura enquanto ferramenta de promoção de acolhimento implica compreender o sentido de acolher em si. Acolher é, segundo o dicionário, **receber, hospedar, dar abrigo** (Bueno, 2007).

Para Derrida (2003 *apud* Paese, 2018), assim como no dicionário (Bueno 2007), hospitalidade é sinônimo de acolhimento e se dá justamente através do encontro entre quem recebe e quem chega - quem o autor chama de “estrangeiro”. Quando os universos de cada um desses personagens se encontram, nasce uma tensão: o estrangeiro pode provocar no outro o medo do desconhecido e até ser visto como uma ameaça. No contexto dos espaços de acolhimento analisados neste trabalho, a mulher em busca de proteção traz consigo histórias de violência e sofrimento - ela é, de certo modo, a “estrangeira” a quem o autor se refere. Ser hospitaleiro - e, portanto, acolher - significa abrir espaço para a chegada desse outro (Derrida, 2003 *apud* Paese, 2018), com sua bagagem e seus desafios.

A arquitetura entra como aliada nesse processo, uma vez que o ambiente construído, além de ser onde as interações humanas acontecem, também interfere nessas relações (Savi, 2018). O primeiro ambiente construído é o **abrigo**, que surge com um princípio essencial de amparo frente ao mundo exterior. O abrigo torna-se, gradativamente, casa quando, além da proteção, passa a se relacionar com a subjetividade dos indivíduos que a habitam (Vasconcelos, 2004).

A casa se manifesta enquanto símbolo de pertencimento, intimidade e expressão pessoal. Mais do que a materialização de um espaço físico, ela corpo-

rifica relações de afeto, uso e memória que dão forma à experiência do habitar doméstico (Vasconcelos, 2004). Nesse sentido, a casa não é estática, mas constantemente atualizada pelas práticas dos sujeitos que o habitam.

A casa perde seu caráter essencial de acolhimento (Vasconcelos, 2004) quando se torna cenário de violência. Para a mulher vitimada, o espaço doméstico que deveria lhe proporcionar segurança e fortalecimento da noção individual de existência (Gunter, 2000 *apud* Higuchi, 2003, p. 51), passa a representar medo e vulnerabilidade. Tomar a decisão de deixar sua casa, em busca de sobrevivência, para habitar um espaço de acolhimento especializado, “significa perder parte de sua identidade, de sua história, de sua luta e de suas conquistas materiais” (Carloto; Calão, 2006, p. 215).

Por isso, é necessário que nesses locais haja o propósito de abrigo, no sentido de proteger contra as ameaças externas, mas que viabilizem, também, o “**sentimento de estar em casa**” (Vasconcelos, 2004).

4.1 A integração com espaços verdes

A lógica trazida no item anterior se aproxima da ideia de humanização dos ambientes, que leva em conta os aspectos emocionais para qualificar o espaço a fim de promover conforto físico e psicológico (Vasconcelos, 2004), aproximando o usuário do “sentir-se em casa”. Uma das propostas desse conceito é a integração entre interior e exterior na edificação, promovendo um contato com elementos naturais em microescala - como jardins, pátios vegetados e áreas verdes incorporadas à edificação. Segundo Kaplan (1977 *apud* Vasconcelos, 2004), a captação de estímulos naturais acontece de forma natural, sem a necessidade de que sejam feitos esforços para tal: a simples observação da

paisagem natural proporciona descanso para o organismo humano.

Os benefícios sensoriais trazidos por esse contato auxiliam no processo de cura em ambientes hospitalares, por exemplo (Vasconcelos, 2004). Em pesquisas realizadas por Roger Ulrich (1984 *apud* Silva et al., 2025), constatou-se que pacientes que têm vista para áreas verdes tendem a se recuperar mais rapidamente e fazer menos uso de analgésicos do que aqueles que não têm. Essas evidências reforçam a importância de incorporar, em um espaço de abrigo, elementos naturais, como jardins, além de criar artifícios que conectem os demais espaços à essas áreas verdes, proporcionando um visual acolhedor.

Ainda que não se tratem de espaços hospitalares, os abrigos especializados aproximam-se da noção de **lugares de cura**, pois acolhem pessoas em situação de fragilidade emocional e social. Embora o ambiente construído, por si só, não tenha a capacidade de curar, ele pode ser um aliado no processo terapêutico, contribuindo para a recuperação emocional e psicológica (Viana, 2004 *apud* Silva et al., 2025).

Exemplos dessa abordagem podem ser observados nas obras do arquiteto João Filgueiras Lima, o *Lelé*, especialmente nos hospitais da Rede Sarah Kubitschek. Seus projetos tiram proveito dos elementos naturais locais, incorporando áreas verdes nos espaços de circulação e de permanência (Figuras 19 e 20) e estimulam a convivência entre os pacientes, através de espaços externos de convivência.



Figura 19: Espera do Hospital Sarah Kubitschek em Salvador-BA. **Foto:** Acervo do fotógrafo Nelson Kon (s.d.).
Fonte: Nelson Kon, s.d. Disponível em: <<https://www.nelsonkon.com.br/hospital-sarah-kubitschek-salvador/>>.
Acesso em 17 out. 2025.



Figura 20: Corredor do Hospital Sarah Kubitschek em Salvador-BA. **Foto:** Acervo do fotógrafo Nelson Kon (s.d.).
Fonte: Nelson Kon, s.d. Disponível em: <<https://www.nelsonkon.com.br/hospital-sarah-kubitschek-salvador/>>.
Acesso em 17 out. 2025.

Outro exemplo de espaço com esse foco, é o *Centro de Oncologia Infantil Princess Máxima*, um projeto da equipe *LIAG architects*, localizado na Holanda. Este centro cria vistas para as áreas verdes através da utilização de fechamentos em vidro, aproximando o interior do exterior (Figura 21).



Figura 21: Vista para pátio interno no *Centro de Oncologia Princess Máxima*. **Foto:** Ronald Tilleman, s.d. **Fonte:** Archdaily, 2019. Disponível em: <<https://www.archdaily.com.br/br/912899/centro-de-oncologia-infantil-princess-maxima-liag-architects>>. Acesso em 17 out. 2025.

A transparência trazida pela presença do vidro se conecta ao conceito de acolhimento, à luz do pensamento de Fernando Fuão. Uma vez que acolher significa, como discutido anteriormente, criar espaço para o outro, Fuão (2015) afirma que, na arquitetura, isso se dá através de aberturas - sejam materiais, como portas, janelas e superfícies envidraçadas, ou conceituais, como espaços de encontro e convivência. Ao permitir a permeabilidade visual, o edifício admite para dentro de si a presença do exterior, habitado por um outro.

4.2 A privacidade dentro do abrigo

Embora os ambientes de encontro, que estimulam o cuidado mútuo, sejam de extrema importância, a experiência de acolhimento também deve “oferecer áreas mais reservadas que permitam, em certos momentos, a preservação da individualidade ou o atendimento à necessidade de concentração e isolamento” (Savi, 2018, p. 204). Nesse sentido, a privacidade surge como conceito central. Ela é definida como

[...] o controle seletivo de acesso a si mesmo ou a um grupo, através da regulação dos níveis de interação social e informação oferecidas aos outros, representando o equilíbrio entre ficar isolado e tornar-se acessível (Altman et al., 1980 *apud* Savi, 2018, p. 101).

A busca por privacidade se relaciona ao “sentir-se em casa”, uma vez que o habitar doméstico se dá a partir da necessidade humana de reivindicar um lugar no mundo, à preservação das particularidades do indivíduo (Marcus, 1996 *apud* Savi, 2018). Além disso, deve-se levar em conta que as mulheres abrigadas estão atravessando um momento delicado, que requer a possibilidade de lidar com suas questões longe do coletivo, quando necessário.

A privacidade na arquitetura está relacionada à paredes, aberturas, disposição dos espaços, quantidade de espaços, dimensões dos ambientes, entre outros (Almeida, 1995 *apud* Savi, 2018). A falta de estabelecimento de limites de territórios entre os usuários de um espaço prejudica a privacidade e pode gerar um efeito de isolamento social. Evans (2006 *apud* Savi, 2018), afirma que quando há um excesso de pessoas e/ou quando os ambientes possuem dimensões muito pequenas para o número de pessoas que ali utilizam, os níveis de isolamento sobem. Para Vasconcelos (2004), uma organização espacial que

força o contato social e não abre espaço para a privacidade trabalha contra o bem-estar.

4.3 O resguardo do exterior

Se, internamente, a privacidade se manifesta como a necessidade de garantir um espaço seguro para o recolhimento individual e familiar, externamente ela assume outra dimensão: a proteção contra o olhar da cidade.

O termo de referência para implementação de Casas-Abrigo (Brasil, 2006) reforça o caráter sigiloso dos espaços de abrigamento para mulheres em situação de violência, visto que se trata de um serviço que resguarda mulheres em risco de vida. Em alguns casos, a localização do edifício é mantida em sigilo (Brasil, 2006).

Savi (2018) destaca a importância de uma identidade visual discreta para a fachada externa dos abrigos especializados, sem o uso de letreiros que caracterizem o edifício.

A *Corner House*, projeto da equipe de arquitetura Archier, localizada em Flinders, na Austrália, dialoga com essa lógica. O projeto foi concebido como uma casa que se abre para o interior do terreno, a fim de preservar a intimidade de seus moradores. Para isso, usa como artifício uma fachada bastante sóbria, apresentando um volume escuro revestido de fibrocimento, com poucas aberturas que, quando existentes, não revelam o que acontece no interior (Figura 22).

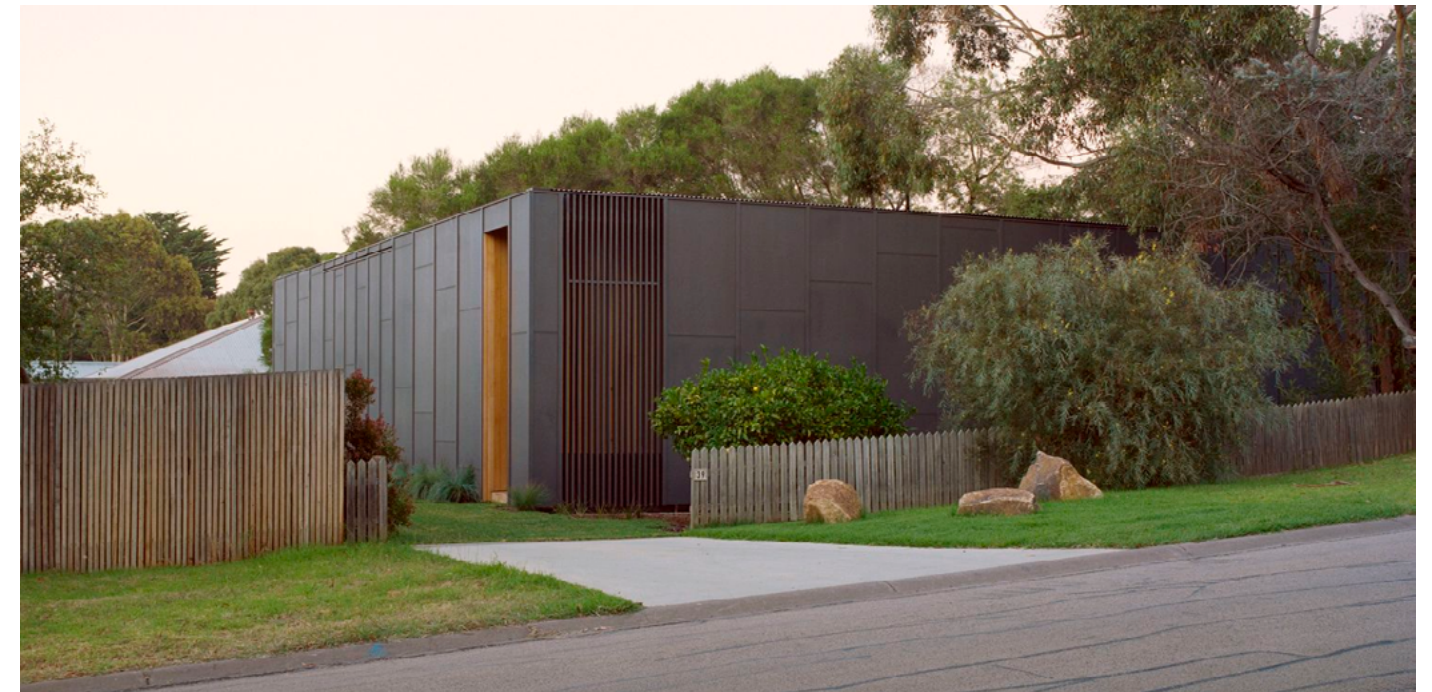


Figura 22: Fachada externa da *Corner House*. **Foto:** Rory Gardiner, s.d. **Fonte:** The Local Project, s.d. Disponível em: <<https://thelocalproject.com.au/articles/corner-house-by-archier-issue-06-feature-the-local-project/>>. Acesso em 17 set. 2025.

Uma solução interessante adotada pelo escritório nesse projeto é a localização do acesso principal, posicionado na lateral do volume do edifício que se conecta à rua (Figura 23). A porta é quase imperceptível à perspectiva da rua, revelando ainda mais o caráter reservado da casa (Figura 24).

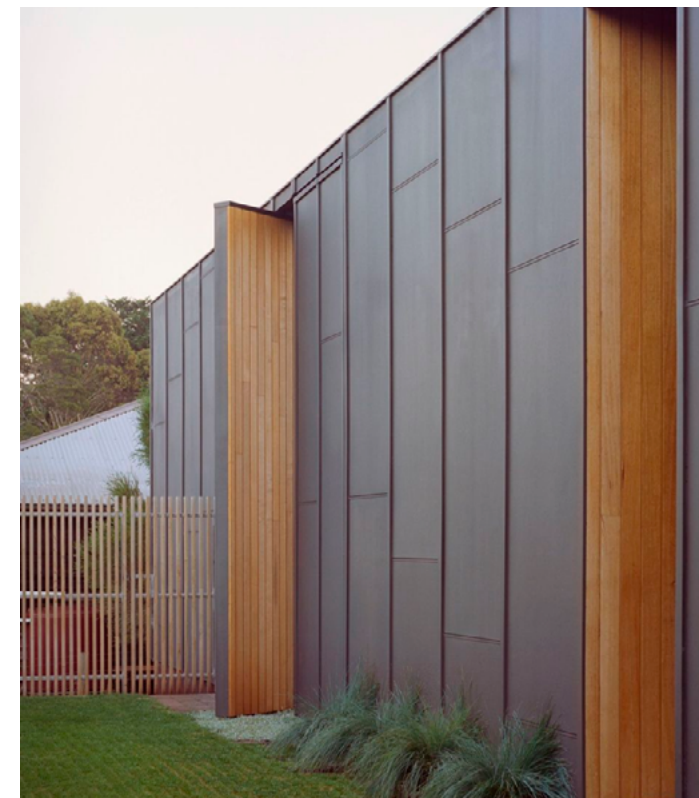


Figura 23: Acesso principal da *Corner House*. **Foto:** Rory Gardiner, s.d. **Fonte:** The Local Project, s.d. Disponível em: <<https://thelocalproject.com.au/articles/corner-house-by-archier-issue-06-feature-the-local-project/>>. Acesso em 17 set. 2025.

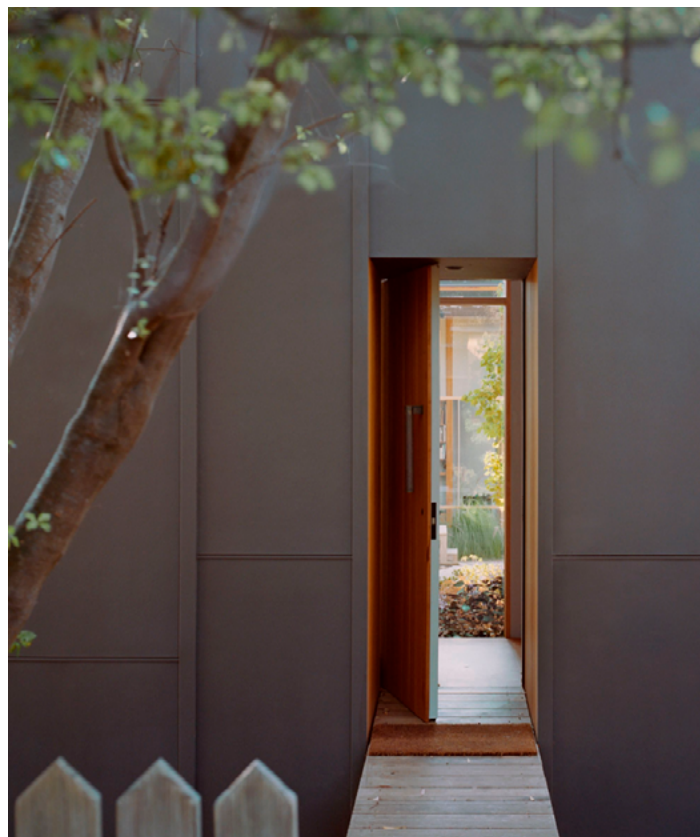


Figura 24 Porta de acesso principal da *Corner House*.
Foto: Rory Gardiner, s.d. **Fonte:** The Local Project, s.d. Disponível em: <<https://thelocalproject.com.au/articles/corner-house-by-archier-issue-06-feature-the-local-project/>>. Acesso em 17 set. 2025.

Essa dureza e opacidade voltadas à rua contrastam com a leveza do interior, onde amplas aberturas de vidro e o uso expressivo da madeira criam um ambiente luminoso e hospitaleiro e faz com que os ambientes se conectem visualmente (Figuras 25 e 26).



Figura 25: Parte interna da *Corner House*. **Foto:** Rory Gardiner, s.d. **Fonte:** The Local Project, s.d. Disponível em: <<https://thelocalproject.com.au/articles/corner-house-by-archier-issue-06-feature-the-local-project/>>. Acesso em 17 set. 2025.



Figura 26: Parte interna da *Corner House*. **Foto:** Rory Gardiner, s.d. **Fonte:** The Local Project, s.d. Disponível em: <<https://thelocalproject.com.au/articles/corner-house-by-archier-issue-06-feature-the-local-project/>>. Acesso em 17 set. 2025.

As diretrizes apresentadas até aqui delineiam a base conceitual adotada para pensar o acolhimento no projeto, mas sua tradução em espaço requer elementos capazes de integrá-las. Nesse sentido, o pátio interno se destaca como uma solução que merece aprofundamento, justamente por relacionar entre si as diretrizes discutidas.

4.4 O pátio interno como articulador do acolhimento

O pátio interno como solução projetual organiza relações de circulação, convívio e proteção dentro do conjunto arquitetônico. Ao estruturar áreas de permanência e permitir usos complementares, o pátio se torna um elemento que integra os espaços e estabelece transições adequadas entre os diferentes níveis de privacidade (Figura 27). Essa lógica é explorada no Centro de On-

cologia Infantil Princess Máxima, criando pátios para cada conjunto de blocos (Figuras 28 e 29).



Figura 27: Espaço de lazer e convivência externo no *Hospital Sarah Kubitschek* em Salvador-BA. **Foto:** Acervo do fotógrafo Nelson Kon (s.d.). **Fonte:** Nelson Kon, s.d. Disponível em: <<https://www.nelsonkon.com.br/hospital-sarah-kubitschek-salvador/>>. Acesso em 17 out. 2025.



Figura 28: Pátio interno do *Centro de Oncologia Infantil Princess Máxima*. **Foto:** Ronald Tilleman, s.d. **Fonte:** Archdaily, 2019. Disponível em: <<https://www.archdaily.com.br/br/912899/centro-de-oncologia-infantil-princess-maxima-liag-architects>>. Acesso em 17 out. 2025.



Figura 29: Planta baixa do *Centro de Oncologia Infantil Princess Máxima*. **Foto:** Ronald Tilleman, s.d. **Fonte:** Adaptado de Archdaily, 2019. Disponível em: <<https://www.archdaily.com.br/br/912899/centro-de-oncologia-infantil-princess-maxima-liag-architects>>. Acesso em 17 out. 2025.

A adoção de pátios internos, para Reis-Alves (2005) parte de três⁴ fatores principais: primeiro, uma motivação psicológica. Ele afirma que um edifício torna-se “introvertido” ao voltar-se para dentro com a presença de um pátio interno. Essa dinâmica “proporciona uma maior privacidade, vigilância e segurança para que o homem realize as suas atividades ao ar livre” (Reis-Alves, 2005, p. 1).

Num contexto de local de abrigo para mulheres vítimas de violência, que, muitas vezes, encontram-se sob risco de vida, privacidade e segurança são conceitos-chave para o estabelecimento de um ambiente acolhedor.

⁴ O autor traz mais dois fatores: a conotação religiosa e os aspectos culturais (Reis-Alves, 2005). Optou-se por abordar aqui apenas os fatores relevantes para o que se propõe neste trabalho.

Para Savi (2018, p. 200),

em razão da maioria das atividades dos internos num abrigo institucional estarem concentradas no próprio estabelecimento, a relação de conexão entre as áreas externas no lote e internas da edificação são importantes para proporcionar relativa autonomia dentro desse microsistema.

Outro fator trazido pelo autor diz respeito ao potencial do pátio interno no conforto ambiental:

[...] o pátio em lugar da casa isolada com suas quatro faces expostas ao Sol, ao vento, etc., fazia com que um edifício protegesse o outro, e este espaço descoberto poderia ser o local onde seria cultivado as plantas, as águas da chuva seriam recolhidas para o uso doméstico e na criação de um microclima menos hostil que o externo (Reis-Alves, 2005, p. 1).

Tal potencialidade contribui para o bem-estar físico e psicológico das usuárias, reforçando o caráter acolhedor do espaço.

05. Estudo de caso

Abrigo para Vítimas de Violência Doméstica

Autoria: Amos Goldreich Architecture e Jacobs Yaniv Architects

Localização: Tel-Aviv, Israel

Ano: 2018

Área: 1600m²

Principais pontos relevantes: Localização, programa, setorização, divisão dos dormitórios em “casas, circulação, discrição na fachada e pátio central.

O *Abrigo para Vítimas de Violência Doméstica* é uma parceria das equipes Amos Goldreich Architecture e Jacobs Yaniv Architects junto ao grupo internacional No To Violence. O edifício está implantado em uma área residencial da cidade de Tel-Aviv, rodeado de casas e prédios de apartamentos (Figura 30), com fácil acesso à serviços como lojas, escolas e parques (Divisare, 2018).



Figura 30: Localização do *Abrigo para Vítimas de Violência Doméstica*. O abrigo está destacado em contorno branco. **Foto:** Amit Geron, s.d. **Fonte:** Adaptado de Archdaily, 2018. Disponível em: <<https://www.archdaily.com.br/br/895789/abrigo-para-vitimas-de-violencia-domestica-amos-goldreich-architecture-plus-jacobs-yaniv-architects>>. Acesso em: 16 set. 2025.

O local conta com os espaços de moradia temporária, áreas comuns, berçário, lavanderia, cozinha e refeitório, além dos espaços de acomodação dos funcionários, como áreas de escritório (Archdaily, 2018). Todos os ambientes são dispostos nos blocos que se interligam através do pátio, o coração do abrigo (Figura 31).

No projeto, a privacidade dentro do abrigo foi levada em conta na divisão dos dormitórios. Ao chegar no abrigo, cada mulher, acompanhada ou não de seus filhos, é alocada em uma pequena “casa” (Figura 31). O abrigo tem capacidade para até 12 famílias (Archdaily, 2018).



LEGENDA

- | | | | | |
|---------------|-----------------------|---------------------|--------------------|---------------------|
| 1. Berçário | 4. Despensa | 7. Refeitório | 10. Aconselhamento | 13. Playground |
| 2. Escritório | 5. Banheiro | 8. Sala de TV | 11. Sala de aula | 14. Sala de reunião |
| 3. Copa | 6. Quartos familiares | 9. Cozinha coletiva | 12. Pátio | |

Figura 31: Planta baixa térreo e primeiro pavimento do *Abrigo para Vítimas de Violência Doméstica*. **Fonte:** Adaptada de Archdaily, 2018. Disponível em: <<https://www.archdaily.com.br/br/895789/abrigo-para-vitimas-de-violencia-domestica-amos-goldreich-architecture-plus-jacobs-yaniv-architects>>. Acesso em 16 set. 2025.

A organização espacial estrutura-se em três setores principais: administrativo, convivência e moradia (Figura 32). O setor administrativo ocupa a porção frontal do edifício, conectado ao acesso principal, sendo o bloco de ligação entre o edifício e o exterior. Depois dele, desenvolve-se um percurso que avança para os setores de convivência e de moradia - destinados exclusivamente às pessoas abrigadas.

Essa organização cria uma transição entre zonas “públicas” e privadas, ainda que todo o conjunto se configure, em essência, como um ambiente privado. A circulação reforça essa lógica: no setor administrativo, ocorre no interior do bloco, já nos outros setores, tangencia o pátio interno, comunicando-se com ele (Figura 32).



Figura 32: Planta baixa térreo e primeiro pavimento do *Abrigo para Vítimas de Violência Doméstica*. **Fonte:** Adaptada de Archdaily, 2018. Disponível em: <<https://www.archdaily.com.br/br/895789/abrigo-para-vitimas-de-violencia-domestica-amos-goldreich-architecture-plus-jacobs-yaniv-architects>>. Acesso em 16 set. 2025.

O pátio interno funciona como um ponto de encontro, possibilitando conexões visuais entre as mães e seus filhos através de aberturas em vidro (Figura 33), permitindo o exercício do cuidado (Archdaily, 2018).



Figura 33: Pátio interno do *Abrigo para Vítimas de Violência Doméstica*. **Foto:** Amit Geron, s.d. **Fonte:** Archdaily, 2018. Disponível em: <<https://www.archdaily.com.br/br/895789/abrigo-para-vitimas-de-violencia-domestica-amos-goldreich-architecture-plus-jacobs-yaniv-architects>>. Acesso em 16 set. 2025.

Quanto à materialidade adotada no abrigo, percebe-se uma escolha de materiais sóbrios e densos: tanto a fachada externa, quanto as internas são revestidas por pedra, num tom monocromático. A fachada externa, em específico, é murada e pouco convidativa (Figura 34). Essas soluções atendem à demanda por resguardo do mundo exterior.



Figura 34: Fachada externa do Abrigo para Vítimas de Violência Doméstica. **Foto:** Amit Geron, s.d. **Fonte:** Archdaily, 2018. Disponível em: <<https://www.archdaily.com.br/br/895789/abrigo-para-vitimas-de-violencia-domestica-amos-goldreich-architecture-plus-jacobs-yaniv-architects>>. Acesso em 16 set. 2025.

PARTE 03:

PROJETAR A CASA DENTRO

As reflexões desenvolvidas ao longo da pesquisa e as diretrizes projetuais estabelecidas nas etapas anteriores fundamentam as decisões apresentadas a seguir. Nesse processo, foi possível entender que o local onde a *Casa Dentro* será alocada é de extrema importância. Portanto, neste terceiro momento, inicia-se a elaboração do programa de necessidades, que orientou a escolha da área de intervenção. Devido ao risco de vida e a situação de fragilidade enfrentada pelas pessoas abrigadas na Casa, veio a necessidade de propor um espaço seguro que se distanciasse da experiência de confinamento. Neste sentido, a escolha da localização do projeto aproxima-se do pensamento de Jane Jacobs (2000) em seu livro *Morte e vida das grandes cidades*, onde a autora advoga pelo que ela chama de “olhos da rua”: uma forma de vigilância natural exercida por moradores e frequentadores, resultante da apropriação cotidiana do espaço urbano e da diversidade de atividades exercidas ali. Por essa razão, entre outras, optou-se por escolher uma área em uma região central da cidade, onde a vitalidade e a multiplicidade de usos colaboram para a segurança, além de possibilitar a integração com a rede de serviços e apoio existente



06. Programa de necessidades

Segundo dados da DEAM Estadual de Goiânia (2025), até setembro de 2025, um total de **31 mulheres** foram encaminhadas para casas-abrigo na cidade, resultando em uma média de **3,4 acolhimentos** por mês. Neste mesmo período, um total de **02 mulheres** não puderam ser abrigadas por falta de vagas, evidenciando que existe uma demanda por ampliação das possibilidades de acolhimento, apesar de o cenário não se mostrar tão crítico.

Cada uma das duas casas de acolhimento existentes na cidade analisadas neste trabalho, a *Casa Abrigo Sempre Viva* e o CEVAM, possuem uma capacidade de 50 leitos, organizados em dormitórios coletivos. Defendendo a privacidade dentro do abrigo, este trabalho propõe uma distribuição alternativa, em que cada mulher ou núcleo familiar será alocado em um dormitório individual com banheiro, exigindo, portanto, uma maior área construída.

A partir disso, o programa de necessidades foi dimensionado para atender **16 famílias (totalizando 28 leitos)**. Essa capacidade reduzida, em relação às demais casas, atende à demanda e justifica-se pela proposta de oferecer espaços mais humanizados, amplos e acolhedores. A restrição de idade para acompanhantes do gênero masculino será de 12 anos.

Considerando essa diversidade de composições familiares, foram propostas **quatro tipologias de dormitórios**, capazes de atender de forma flexível às diferentes demandas de acolhimento, sendo:

- **Tipo A:** 01 pessoa;

- **Tipo B:** 01 pessoa, opção acessível;

- **Tipo C:** 02 pessoas;

- **Tipo D:** 03 pessoas.

Além das pessoas acolhidas, o quantitativo de funcionários baseou-se tanto nas *Diretrizes Nacionais para o Abrigamento* (Brasil, 2011d) quanto na experiência do CEVAM. A partir disso, definiu-se um total de **14 profissionais**: 1 coordenador(a), 1 recepcionista, 1 tesoureiro(a), 1 psicólogo(a), 1 assistente social, 1 enfermeiro(a), 1 motorista, 1 nutricionista, 1 profissional de educação infantil, 1 advogado(a), 1 cozinheiro(a), 1 auxiliar de cozinha e 2 profissionais de limpeza.

Cabe destacar que essa equipe não ocupa o abrigo de forma integral ao longo do dia. Alguns profissionais - como psicólogo(a), nutricionista, advogado(a), motorista e profissional de educação infantil - atuam de maneira itinerante, realizando atendimentos conforme demanda e geralmente dividindo sua carga de trabalho com outras instituições. As abrigadas e seus acompanhantes não poderão sair do conjunto, com exceção de ocasional necessidade de assistência por algum serviço da *Rede de Atendimento* ou por questões médicas.

QUADRO SÍNTESE				
Setor	Ambiente	Descrição	Qtd.	Área
Administrativo	Recepção	Espaço de acolhimento inicial e triagem	1	27m²
	Sala coordenação	Onde o/a coordenador(a) trabalha e faz atendimentos	1	12m²
	Sala administração	Onde o/a ou administrador(a) trabalha e faz atendimentos	1	12m²
	Coworking	Estações de trabalho do nutricionista, enfermeiro(a), assistente social, advogado(a), psicólogo(a) e profissional da educação infantil	1	26m²
	Sala reunião	Para reuniões do corpo administrativo	1	12m²
	Salas multiuso	Ambientes flexíveis destinados a atendimentos da equipe administrativa e atividades diversas	3	12 e 15m²
	Banheiro PCD	Banheiro acessível de uso da equipe e de visitantes	2	4 e 6m²
	Copa	Espaço de apoio e descanso para os funcionários	1	15m²
	Enfermaria	Para primeiros socorros e atendimentos básicos das pessoas abrigadas	1	12m²
	D.M.L	Armazenamento de materiais de limpeza	2	2m²
Total = 157m²				
Convivência	Ateliê	Sala destinada a atividades manuais, artísticas e terapêuticas, onde também podem ocorrer oficinas	1	80m²
	Auditório	Ambiente para palestras, encontros, capacitações e atividades coletivas de maior porte	1	87m²
	Biblioteca	Espaço de leitura e estudo, com acervo de livros	1	53m²
	Brinquedoteca	Espaço voltado às crianças, com brinquedos e materiais educativos	1	53m²
	Salão exercícios físicos	Espaço para práticas corporais e atividades físicas	1	53m²
	Sala de estar/jantar	Ambiente de convivência	1	70m²
	Lavanderia coletiva	Espaço de uso das abrigadas para limpeza de itens pessoais	1	13m²
	Copa auxiliar	Espaço para preparo de refeições menores, próximo à moradia	1	13m²

	Banheiro PCD	Sanitário acessível de uso das abrigadas e seus acompanhantes	2	5 e 7m²
	Banheiro feminino coletivo	Sanitário de uso das abrigadas e suas acompanhantes	1	17m²
	Refeitório	Espaço destinado às refeições coletivas	1	92m²
	Cozinha coletiva	Ambiente de preparo diário de refeições maiores, utilizado pelos(as) cozinheiros(as) e pelas pessoas abrigadas	1	47m²
Total = 590m²				
Serviço	Recepção de serviço	Espaço de chegada dos funcionários de serviço e de recebimento de suprimentos	1	32m²
	Lavanderia	Ambiente para lavagem de roupas de cama das abrigadas, utilizado pelos(as) faxineiros(as)	1	8m²
	Vestiário	Ambiente de organização do(a)cozinheiro(a), ajudante de cozinha e profissionais de limpeza	2	5m²
	Lixo	Espaço técnico para o descarte de lixo	1	5m²
	Gás	Espaço técnico para armazenamento do botijão gás	1	2m²
Total Setor Serviço = 57m²				
Moradia	Quarto Tipo A	Para 01 pessoa. Espaço composto pelo dormitório e por um banheiro	4	11m²
	Quarto Tipo B	Para 01 pessoa, opção acessível. Espaço composto pelo dormitório e por um banheiro	4	17m²
	Quarto Tipo C	Para 02 pessoas. Espaço composto pelo dormitório e por um banheiro	4	20m²
	Quarto Tipo D	Para 03 pessoas. Espaço composto pelo dormitório e por um banheiro	4	32m²
Total Setor Moradia = 308m²				
Área externa	Horta	Local para plantio de hortaliças	1	26m²
	Academia ao ar livre	Espaço para práticas de atividades físicas ao ar livre	1	44m²
	Playground	Espaço com caixa de areia para brincadeiras infantis	1	31m²
	Jardim sensorial	Para contemplação, encontro ou introspecção	2	43 e 80m²
Total Área externa = 224m²				
Total Construído = 1971,25m²				

Figura 35: Tabela do Quadro Síntese. Fonte: da autora, 2026.

07. Estudo do lugar

Localização e contexto

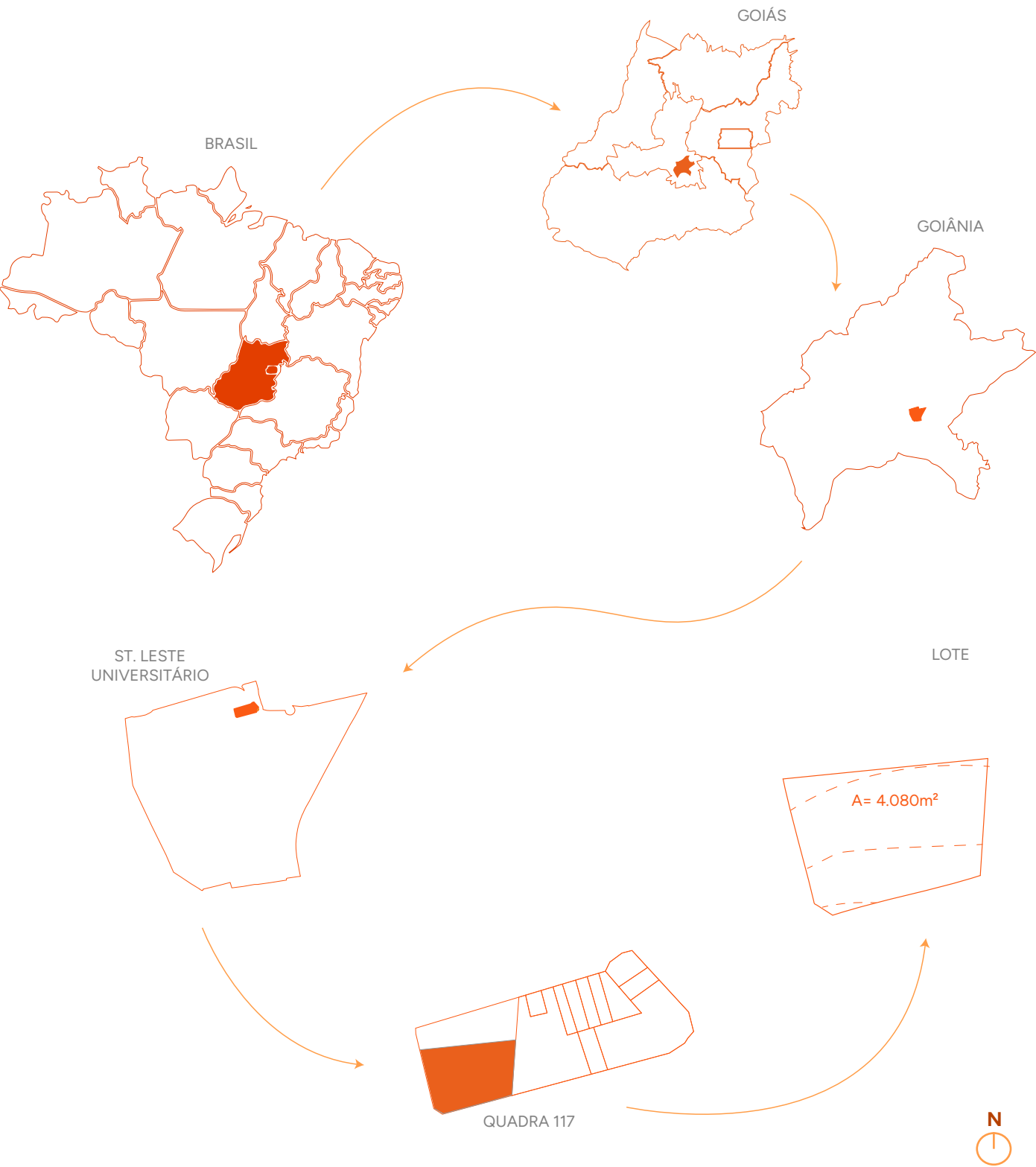


Figura 36: Contextualização do terreno. Fonte: da autora, 2026.

A escolha do local se deu por sua **proximidade com os diversos equipamentos públicos de atendimento à mulher**, previamente mapeados neste trabalho. Essa localização favorece a articulação do abrigo com a *rede de atendimento* existente, facilitando o acesso e o deslocamento das mulheres atendidas. Além da questão funcional, **inserir o abrigo em uma zona movimentada contribui para a sensação de segurança**, uma vez que a vitalidade dos espaços públicos pode atuar como um elemento de proteção.

O terreno foi selecionado também pelo seu **tamanho, adequado para comportar o programa de necessidades** proposto. Considerando que neste espaço de acolhimento, as mulheres e acompanhantes permanecem integralmente no local por questões de segurança, torna-se fundamental garantir um espaço amplo, que ofereça conforto, diversidade de usos e qualidade ambiental.

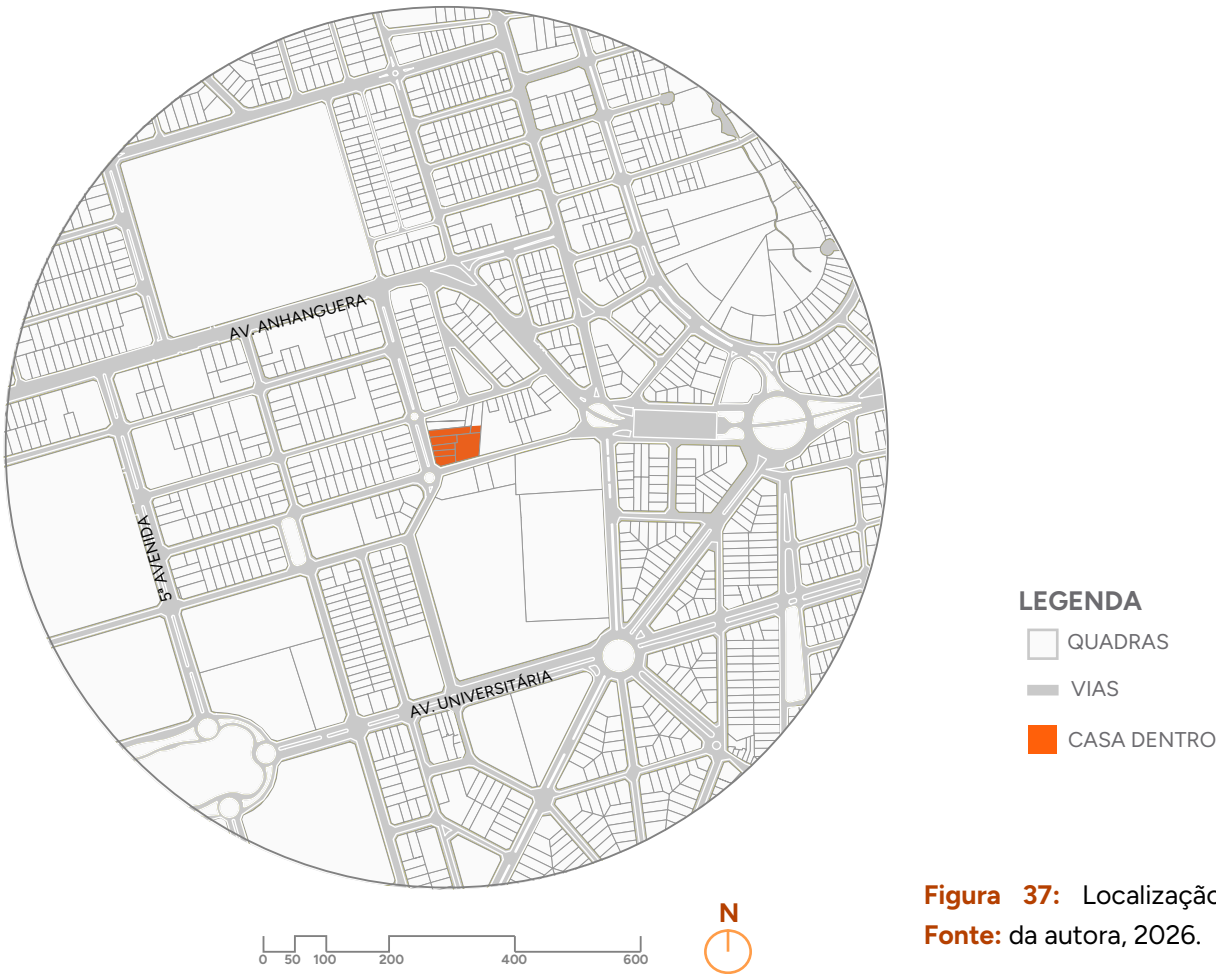


Figura 37: Localização do terreno. Fonte: da autora, 2026.

7.1 Entorno

Mapa de vias

A região também expressa bastante diversidade viária e alta conectividade urbana, próxima a eixos estruturantes como as avenidas Anhanguera e Universitária, que garantem fácil acesso a diferentes partes da cidade e aos equipamentos públicos voltados ao atendimento de mulheres. Apesar dessa localização estratégica, o entorno imediato é composto majoritariamente por vias locais, o que confere ao terreno uma atmosfera mais discreta e protegida, adequada à proposta de acolhimento.

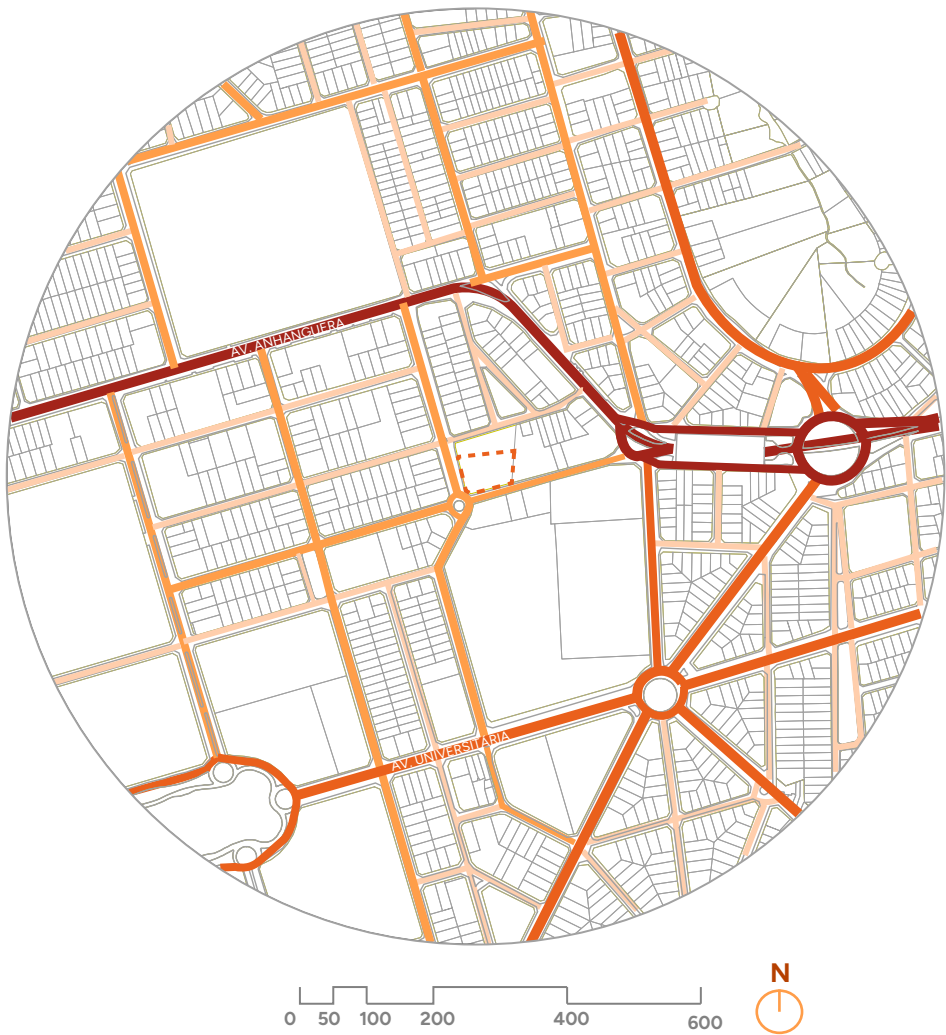
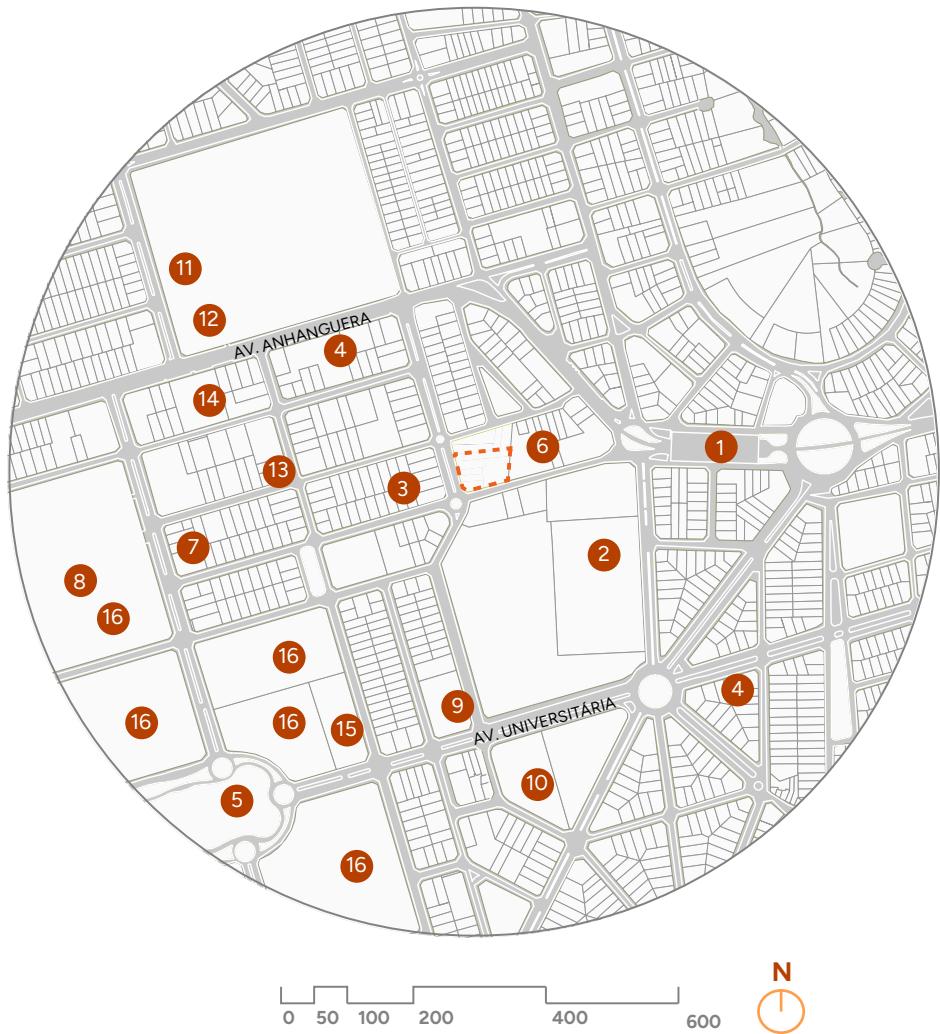


Figura 38: Mapa de hierarquia viária. Fonte: da autora, 2026.

- LEGENDA**
- VIA ARTERIAL 1ª CATEGORIA
 - VIA ARTERIAL 2ª CATEGORIA
 - VIA COLETORA
 - VIA LOCAL
 - CASA DENTRO

Mapa de centralidades

Sobre as centralidades no entorno da área de intervenção, observa-se que a região é bem atendida por uma infraestrutura urbana diversificada, com comércios e serviços que apoiam tanto os funcionários quanto as demandas cotidianas do equipamento. O entorno também concentra diversas instituições de ensino superior, reforçando seu caráter universitário. Destacam-se ainda o Terminal Praça da Bíblia, que garante boa acessibilidade, e a Praça Universitária, importantes referências urbanas na área..

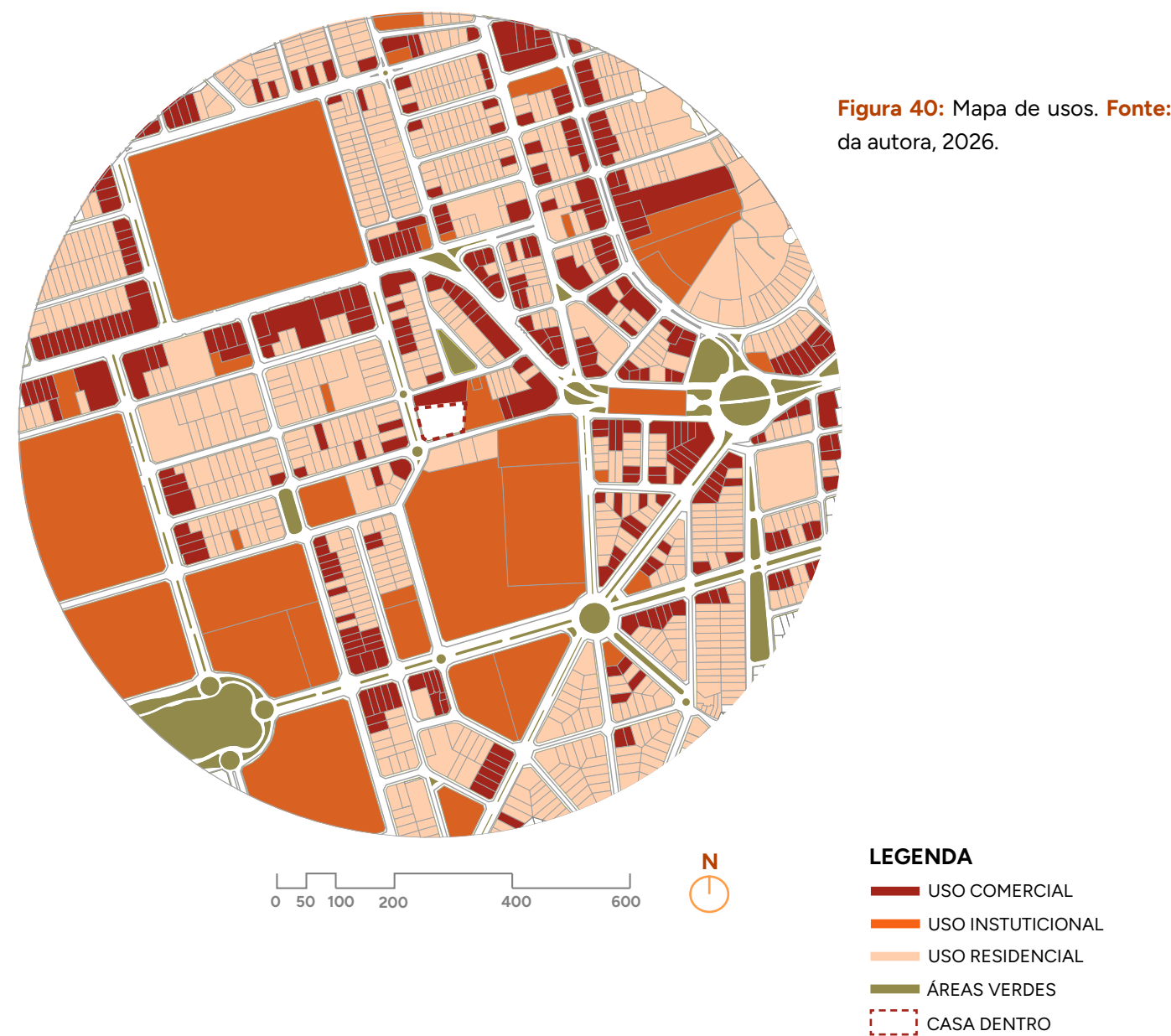


- LEGENDA**
- | | | | |
|--|------------------------------|---------------------------------|-------------------------------------|
| 1. Terminal Praça da Bíblia | 5. Praça Universitária | 10. Teatro Basileu França | 14. Delegacia do Idoso |
| 2. Estádio OBA | 6. Sesi Universitário | 11. Batalhão de Polícia Militar | 15. Biblioteca UFG |
| 3. Secretaria Municipal de Educação de Goiânia | 7. Escola | 12. Secretaria de Educação | 16. Campus universitários do Estado |
| 4. Supermercado | 8. Hospital das Clínicas UFG | 13. Hospital Goiânia Leste | |
| | 9. SESC Universitário | | |

Figura 39: Mapa de centralidades. Fonte: da autora, 2026.

Mapa de usos

A análise do mapa de usos revela que a região é marcada por uma diversidade de funções urbanas, com presença de grandes equipamentos institucionais, embora o uso predominante ainda seja residencial. Destaca-se, ao lado imediato do terreno, o Sesi Universitário, cuja condição de instituição de ensino foi um dos fatores favoráveis à escolha do lote. Além de garantir um entorno com fluxo mais controlado de pessoas, a presença da escola impede a implantação de futuros edifícios de maior porte na divisa, contribuindo para a manutenção da privacidade essencial ao abrigo.



7.2 Terreno

Topografia

O terreno escolhido possui um desnível de aproximadamente 2 metros e uma área total de 4.408m². O lote é paralelo á rua 236 e faz esquina com a rua 225.

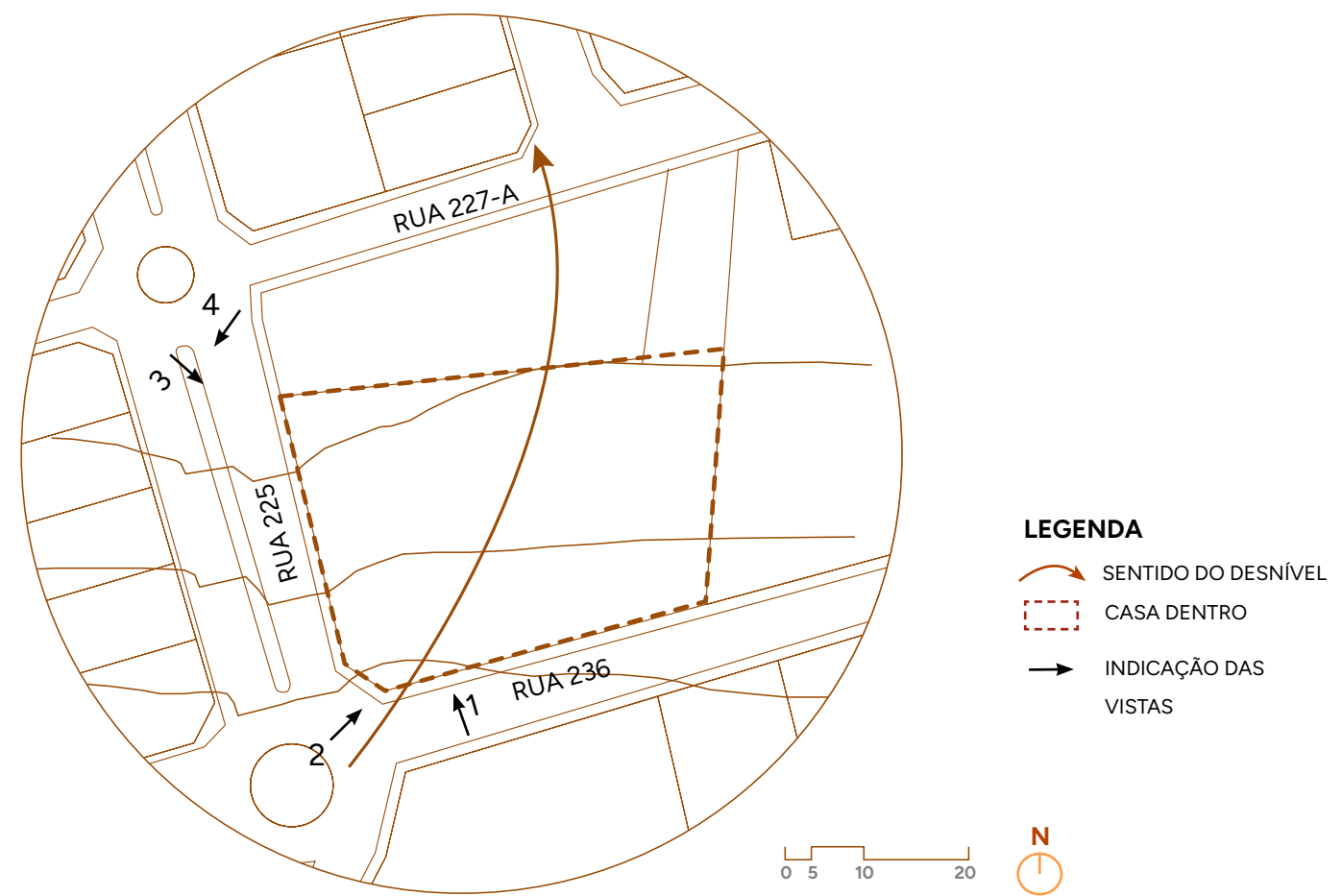




Figura 42: Vista 1, fachada Rua 236.
Fonte: da autora, 2026.



Figura 43: Vista 2, esquina com as ruas 236 e 225. **Fonte:** Google Earth, 2025.



Figura 44: Vista 3, fachada Rua 225.
Fonte: da autora, 2026.



Figura 45: Vista 4, rua 225. **Fonte:** Google Earth, 2025.

Insolação e ventos

Os ventos predominantes em Goiânia vêm das direções leste e sudeste, com variações sazonais. Em relação à insolação, as fachadas orientadas ao sul e ao leste apresentam as melhores condições para aberturas direcionadas ao exterior.

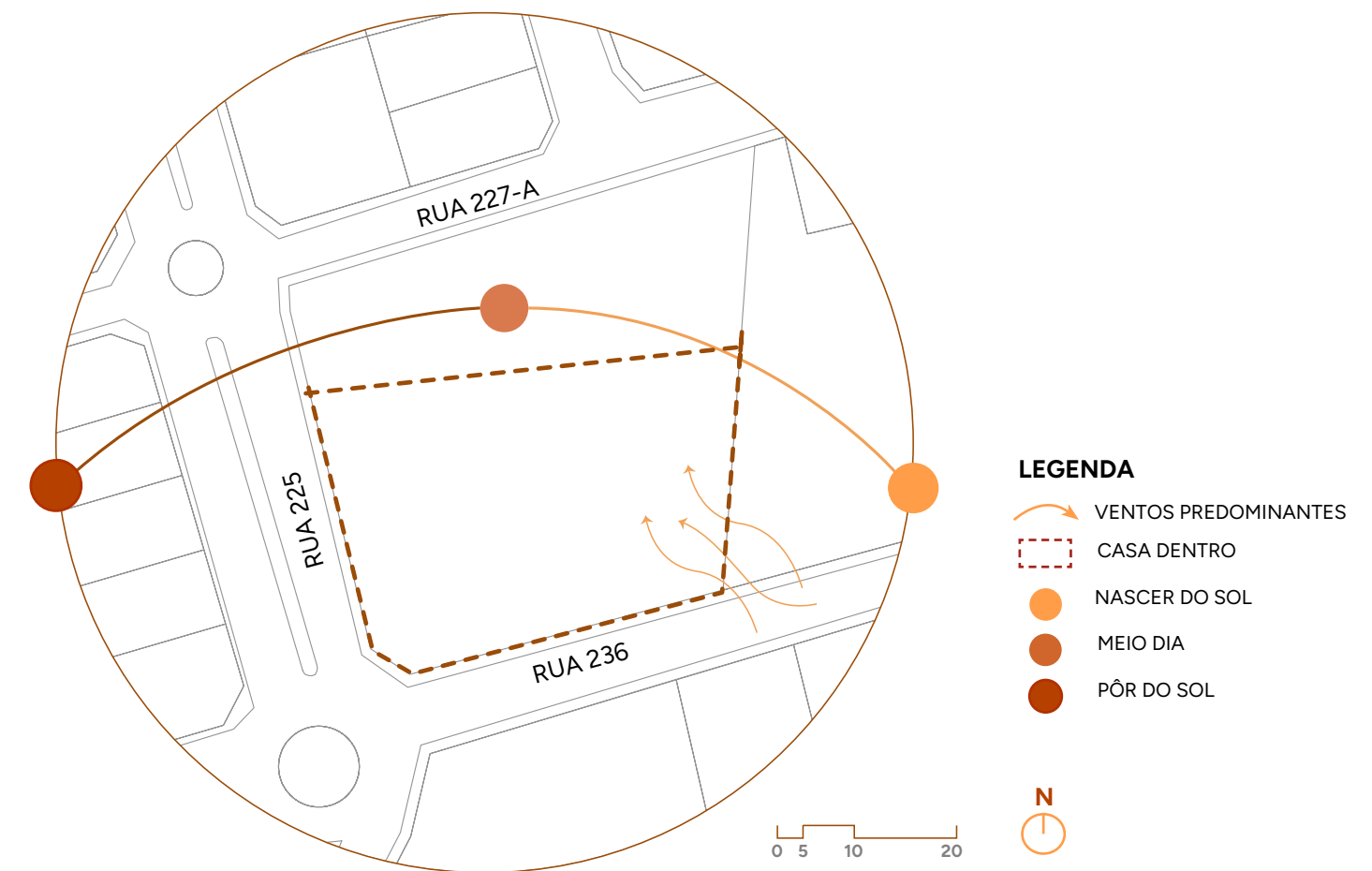


Figura 46: Insolação e ventos do terreno. **Fonte:** da autora, 2025.

Legislação

Segundo o Código de Obras da cidade de Goiânia (2008), o terreno encontra-se na macrozona Área Adensável (AA) e deve obedecer os seguintes parâmetros:

Coeficiente de aproveitamento: até 6x a área do terreno

Taxa de ocupação: 100% do terreno até 11m de altura

Índice de permeabilidade: 25% da área do terreno

Afastamentos: 2m lateral e de fundo e 5m para frente de rua

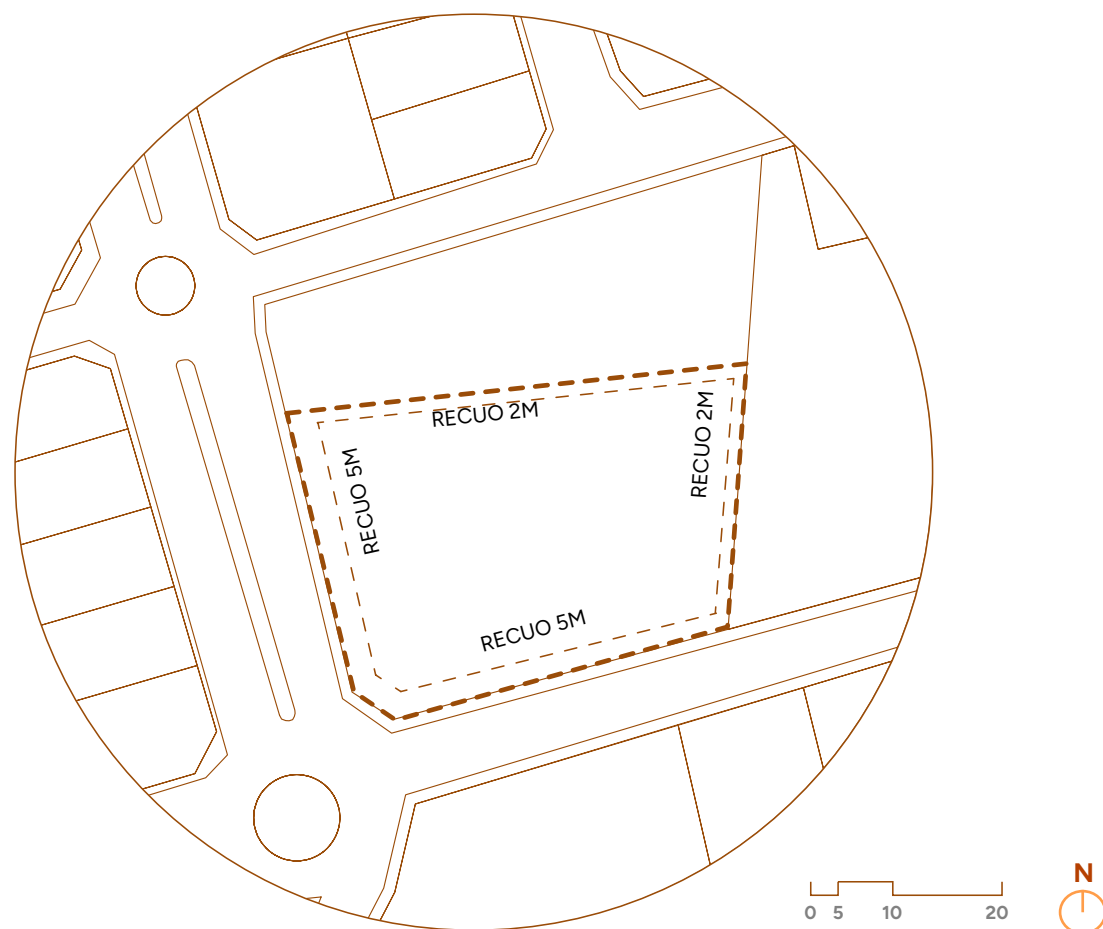


Figura 47: Afastamentos no terreno. **Fonte:** da autora, 2026.

08. Partido arquitetônico

O projeto nasce com essa necessidade de proteção e de acolhimento, conceitos tão profundamente ligados ao sentido subjetivo e material da casa: o habitar e o abrigar. Assim, ele se organiza através de edifícios que se voltam pra dentro, dispostos em torno de um pátio central - o coração do conjunto. O pátio atua como esse grande núcleo de resguardo e também de encontro, fortalecido pela circulação que o tangencia e se divide em direção às moradias



Figura 48: Diagrama de setorização. Fonte: da autora, 2026.

Além do pátio central, pátios secundários e jardins individuais em cada quarto inserem a natureza em diferentes escalas da Casa. A setoriação concentra na esquina do lote os blocos de serviço e de administração, responsáveis pela comunicação entre o abrigo e a cidade.

Além disso, o projeto se organiza a partir da construção de camadas graduais de acolhimento. A partir do acesso principal, os espaços tornam-se progressivamente mais reservados, saindo da comunicação com a cidade aos am-



Figura 49: Diagrama de camadas de acolhimento. Fonte: da autora, 2026.

bientes coletivos e, por fim, às moradias, localizadas no ponto mais íntimo do conjunto. Tanto os espaços construídos, quanto os pátios entram nessa dinâmica que conduz o usuário a percorrer o espaço de forma progressiva e propiciam apropriações diversas.

Esse percurso é literal e também simbólico, representando essa experiência de isolamento em relação à cidade - condição, infelizmente, necessária no contexto de abrigo - mas de encontro com uma comunidade e consigo mesma, um processo de potencial curativo intenso.

09. Projeto arquitetônico



Implantação

- 1. Bloco Administrativo
- 2. Bloco Serviço
- 3. Bloco Ateliê

- 4. Bloco Auditório
- 5. Bloco Conexão
- 6. Bloco Moradia A

- 7. Bloco Moradia B
- 8. Bloco Moradia C
- 9. Bloco Moradia D





Planta de cobertura





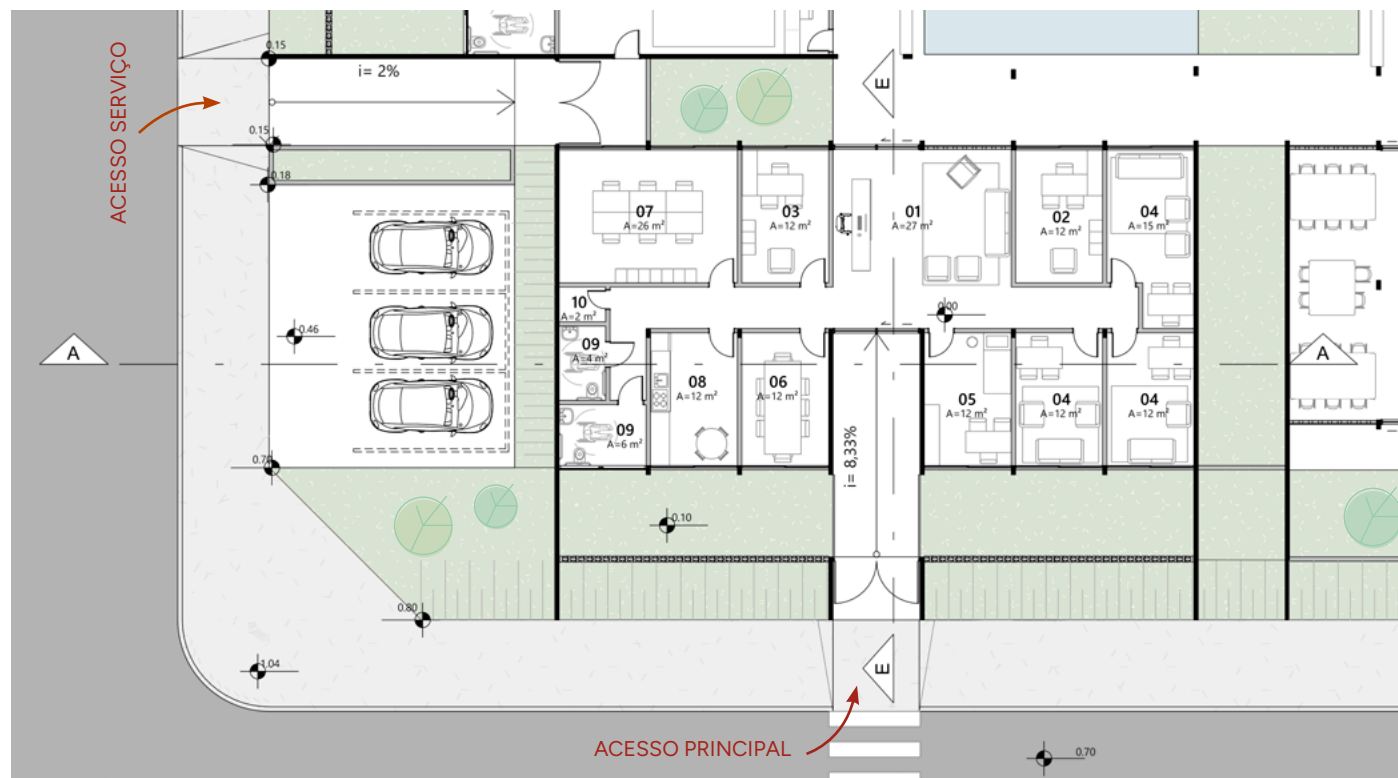
Figura 50: Acesso principal. **Fonte:** da autora (2026), com auxílio de Inteligência Artificial.



Figura 51: Fachada frontal. **Fonte:** da autora (2026), com auxílio de Inteligência Artificial.

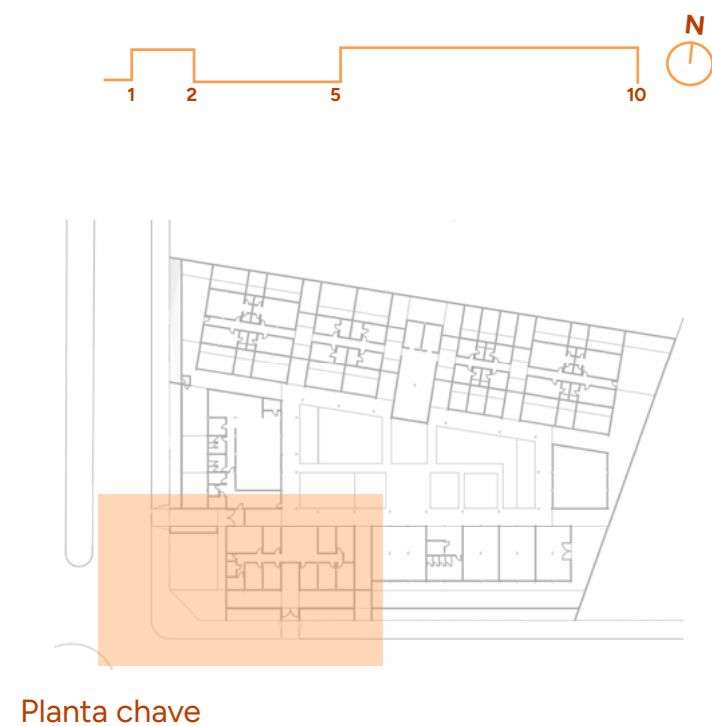


Figura 52: Fachada lateral esquerda. **Fonte:** da autora (2026), com auxílio de Inteligência Artificial.



Planta baixa - Bloco administrativo

1. Recepção
2. Administração
3. Coordenação
4. Sala multiuso
5. Enfermaria
6. Reunião
7. Coworking
8. Copa
9. Banheiro PCD
10. DML



Planta chave

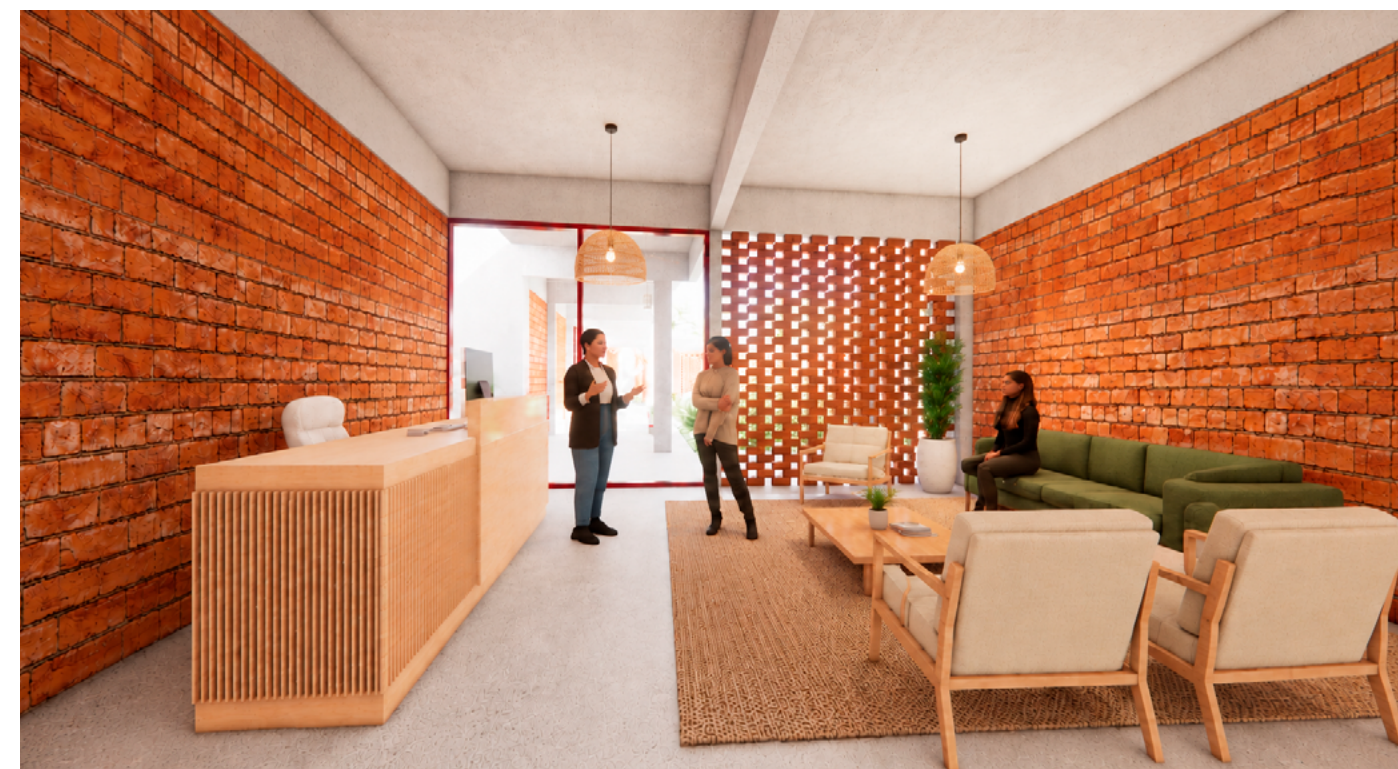


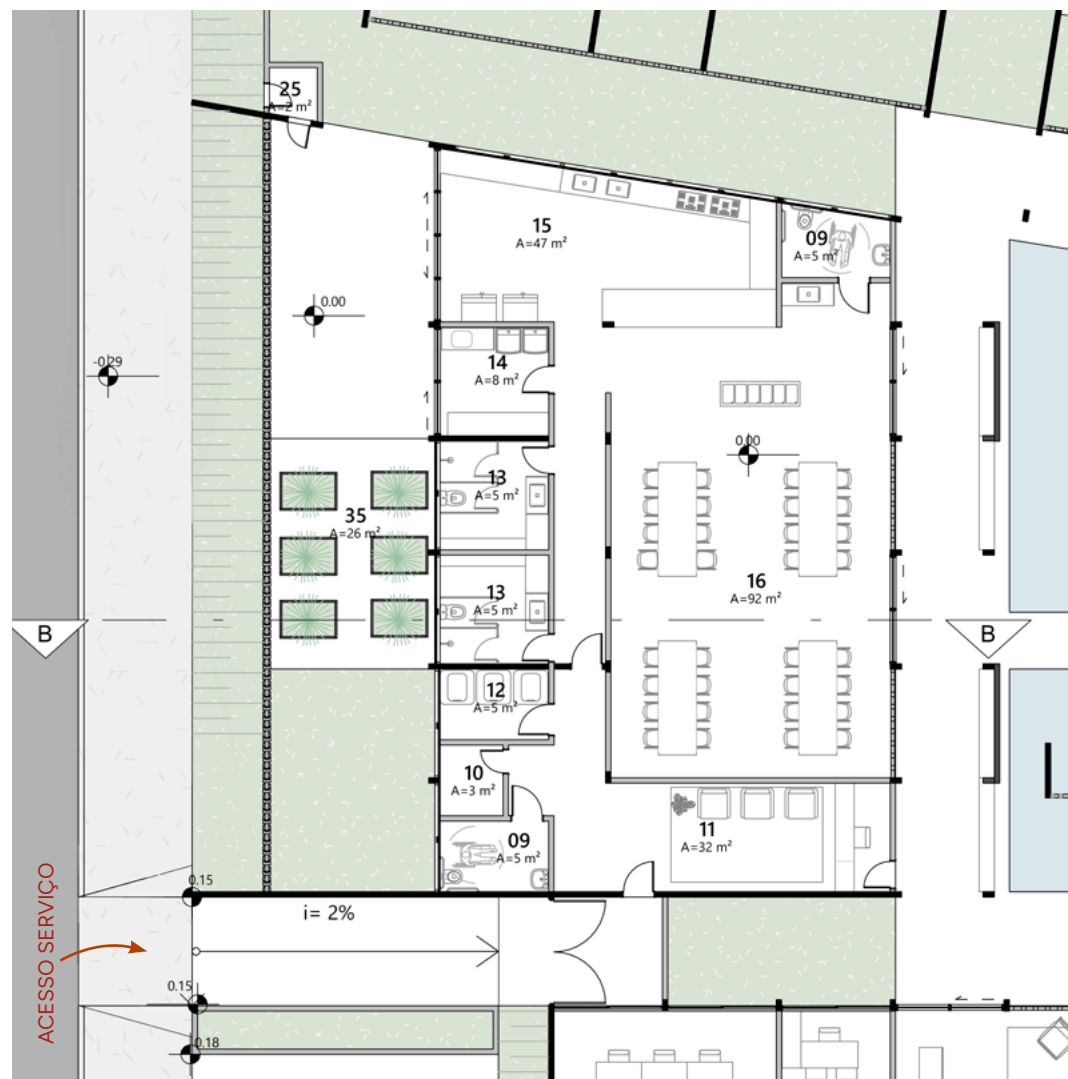
Figura 53: Recepção. Fonte: da autora (2026), com auxílio de Inteligência Artificial.



Figura 54: Banco existente na entrada do pátio. Fonte: da autora (2026), com auxílio de Inteligência Artificial.



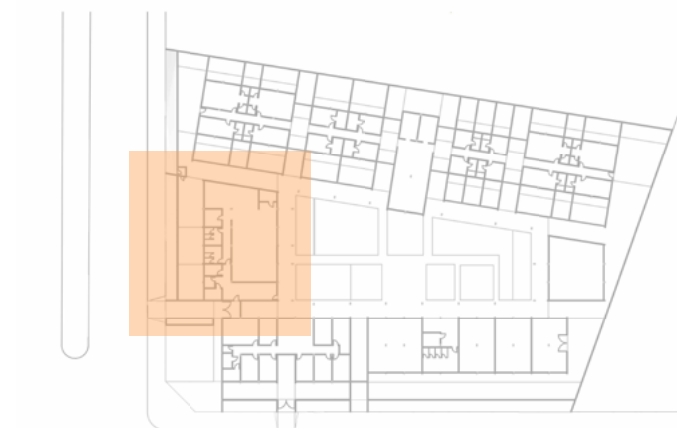
Figura 55: Entrada do pátio. O monumento existente atua como elemento de filtragem da visibilidade do pátio a partir dos blocos administrativo e de serviço **Fonte:** da autora (2026), com auxílio de Inteligência Artificial.



Planta baixa - Bloco serviço



- 9. Banheiro PCD
- 10. DML
- 11. Recepção serviço
- 12. Lixo
- 13. Vestiário
- 14. Lavanderia
- 15. Cozinha coletiva
- 16. Refeitório
- 35. Horta



Planta chave



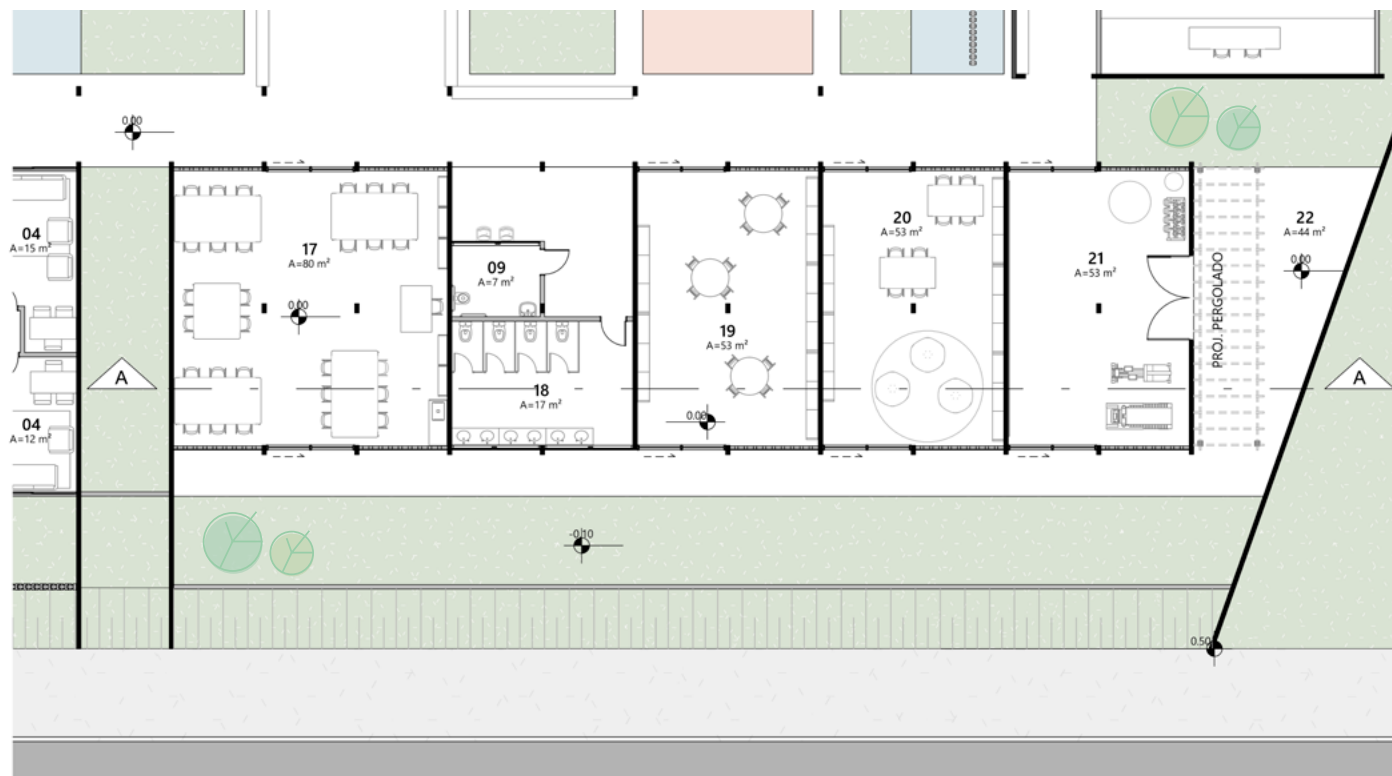
Figura 56: Refeitório. Fonte: da autora (2026), com auxílio de Inteligência Artificial.



Figura 57: Banco existente em frente ao refeitório. Fonte: da autora (2026), com auxílio de Inteligência Artificial.

Figura 58: Espaço de convivência em frente ao Bloco Ateliê. **Fonte:** da autora (2026), com auxílio de Inteligência Artificial.

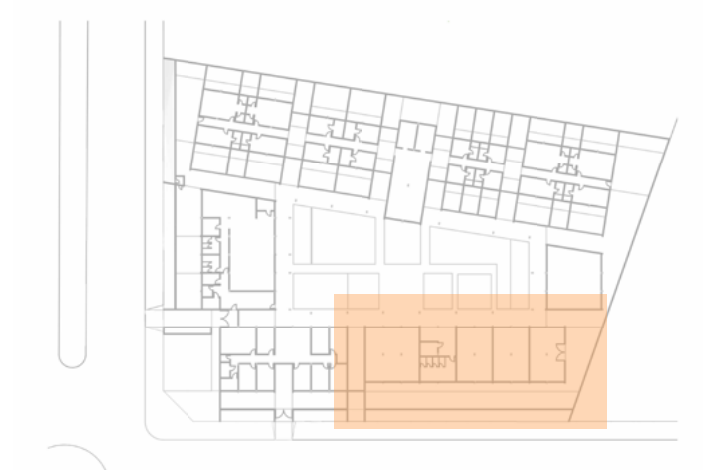




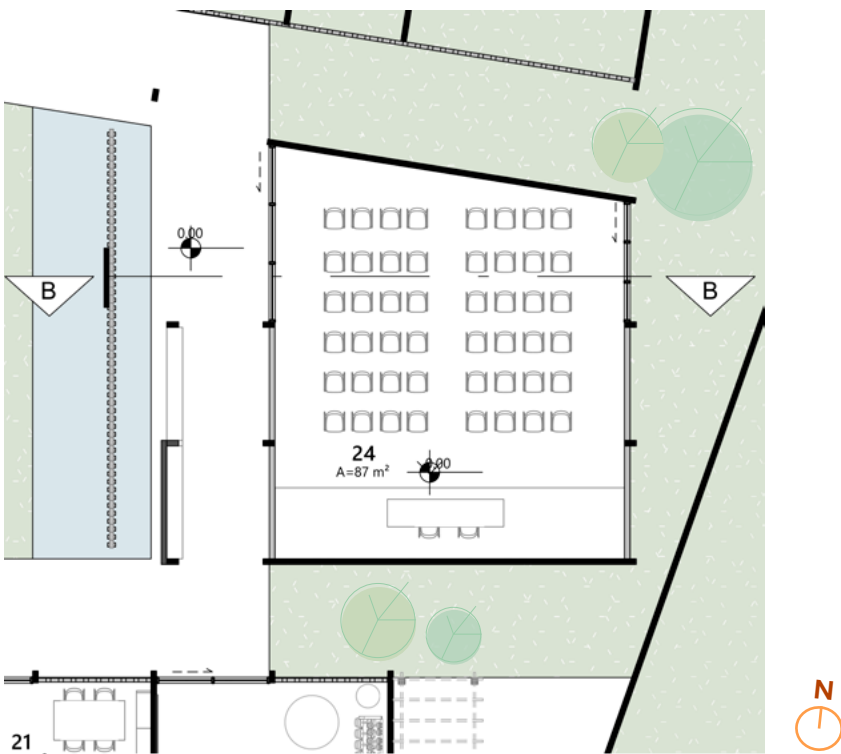
Planta baixa - Bloco ateliê



- 9. Banheiro PCD unissex
- 17. Ateliê
- 18. Banheiro fem. coletivo
- 19. Brinquedoteca
- 20. Biblioteca
- 21. Salão exerc. físicos
- 22. Exerc. físicos ao ar livre



Planta chave



Planta baixa - Bloco auditório



24. Auditório



Planta chave



Figura 59: Brinquedoteca. **Fonte:** da autora (2026), com auxílio de Inteligência Artificial.

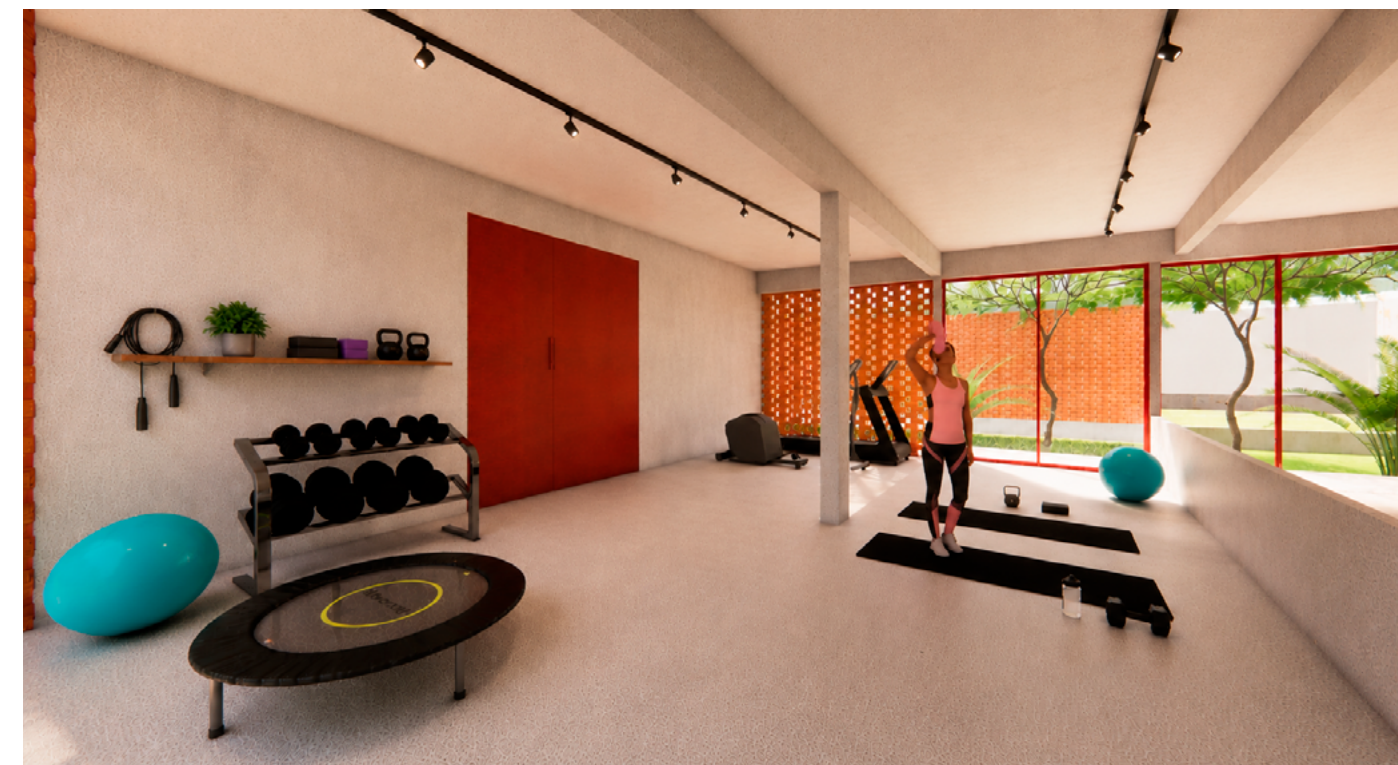


Figura 61: Salão de exercícios físicos. **Fonte:** da autora (2026), com auxílio de Inteligência Artificial.



Figura 60: Ateliê. **Fonte:** da autora (2026), com auxílio de Inteligência Artificial.



Figura 62: Biblioteca. **Fonte:** da autora (2026), com auxílio de Inteligência Artificial.



Figura 61: Jardim ao fundo do Bloco Ateliê. **Fonte:** da autora (2026), com auxílio de Inteligência Artificial.3



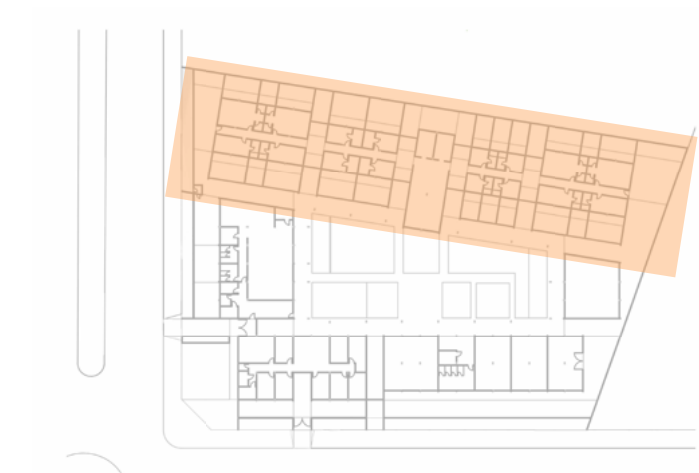
Figura 64: Exercícios físicos ao ar livre. **Fonte:** da autora (2026), com auxílio de Inteligência Artificial.



Figura 65: Tanque de areia para recreação. **Fonte:** da autora (2026), com auxílio de Inteligência Artificial.

Figura 66: Monumento de proteção solar do Bloco Auditório. **Fonte:** da autora (2026), com auxílio de Inteligência Artificial.





Planta chave



Planta baixa - Bloco Conexão e Blocos Moradia A, B, C e D

- | | | |
|---------------------------------|--------------------------|--------------------------------|
| 27. Sala de estar/jantar | 30. Quarto Tipo A | 33. Quarto Tipo D |
| 28. Lavanderia auxiliar | 31. Quarto Tipo B | 34. Banheiro individual |
| 29. Copa auxiliar | 32. Quarto Tipo C | 38. Jardim sensorial |





Figura 67: Quarto Tipo 1. **Fonte:** da autora (2026), com auxílio de Inteligência Artificial.



Figura 69: Quarto Tipo 3. **Fonte:** da autora (2026), com auxílio de Inteligência Artificial.



Figura 68: Quarto Tipo 2. **Fonte:** da autora (2026), com auxílio de Inteligência Artificial.



Figura 70: Quarto Tipo 4. **Fonte:** da autora (2026), com auxílio de Inteligência Artificial.



Figura 71: Sala de estar/jantar **Fonte:** da autora (2026), com auxílio de Inteligência Artificial.



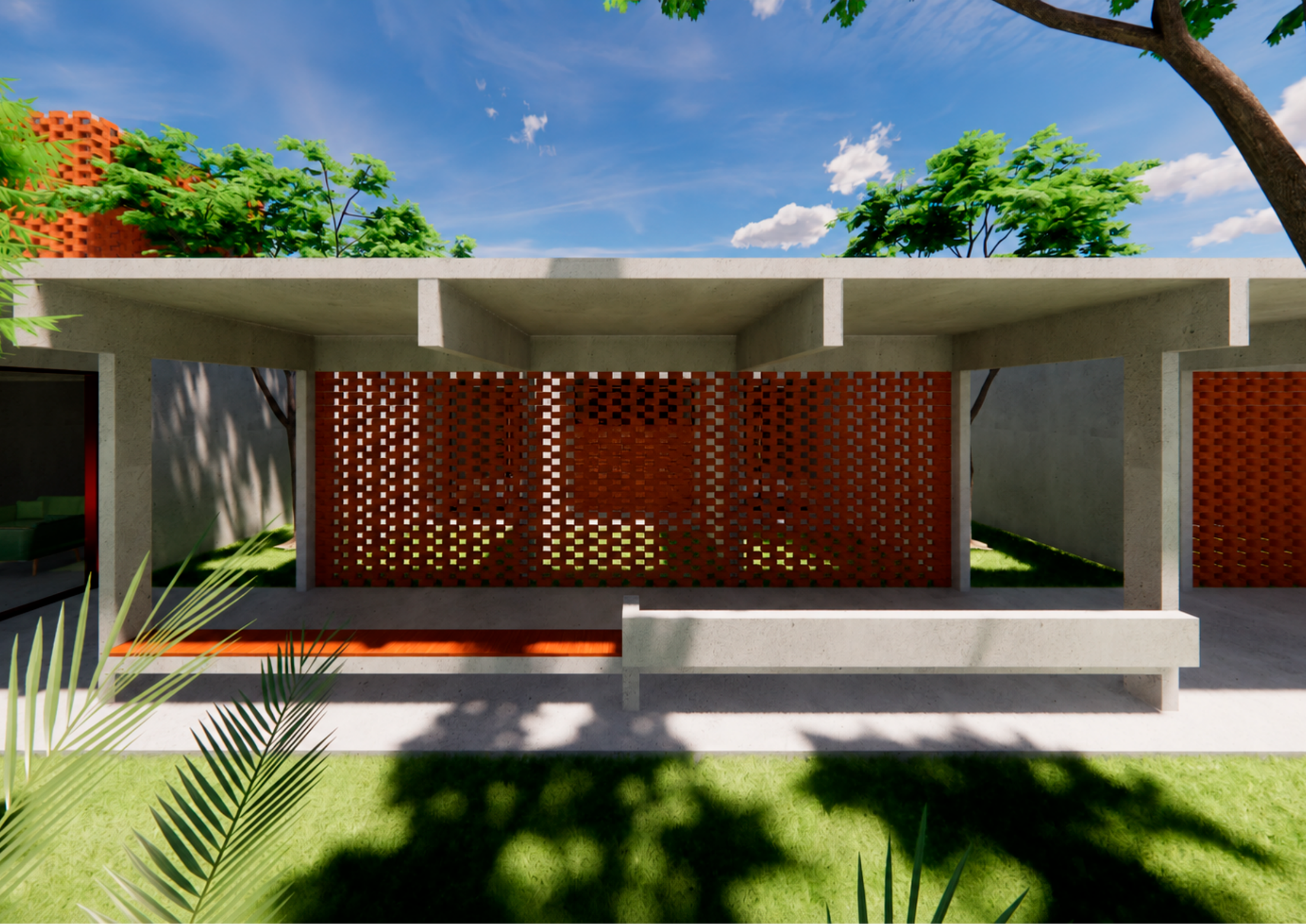
Figura 73: Jardim sensorial 1. **Fonte:** da autora (2026), com auxílio de Inteligência Artificial.



Figura 72: Jardim na circulação dos blocos de moradia **Fonte:** da autora (2026), com auxílio de Inteligência Artificial.

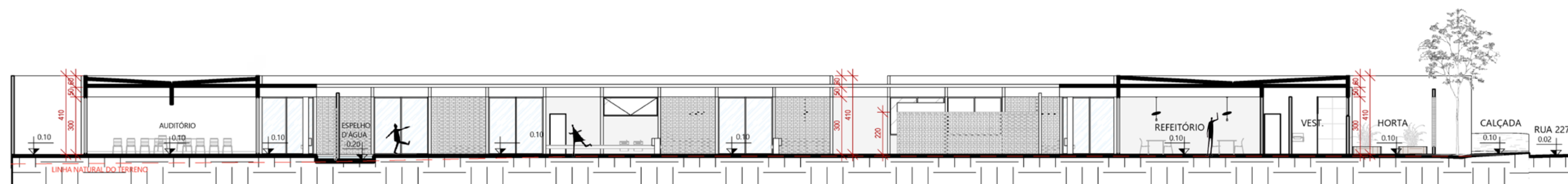


Figura 74: Jardim sensorial 2. **Fonte:** da autora (2026), com auxílio de Inteligência Artificial.

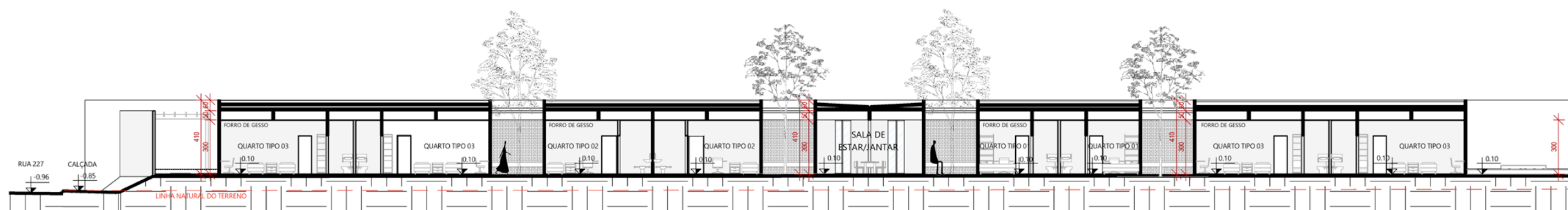




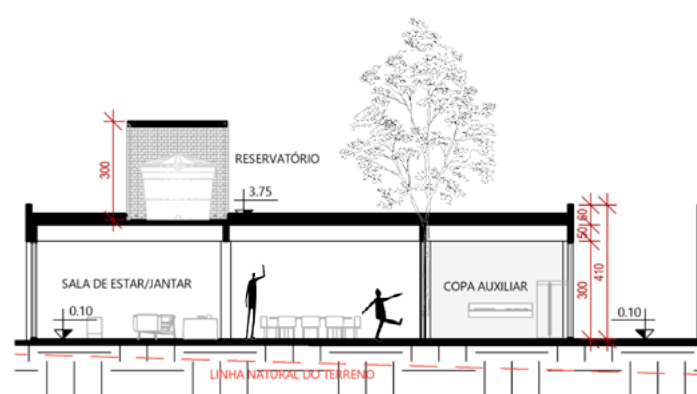
Corte AA 1 2 5 10



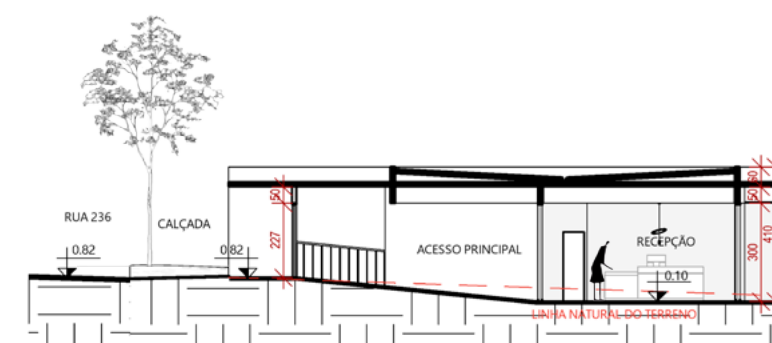
Corte BB 1 2 5 10



Corte CC 1 2 5 10



Corte DD 1 2 5 10



Corte EE 1 2 5 10



Figura 76: Fachada frontal. **Fonte:** da autora (2026).



Figura 77: Fachada lateral esquerda. **Fonte:** da autora (2026), com auxílio de Inteligência Artificial.



Figura 78: Materialidade. **Fonte:** da autora (2026).

Trilhado o caminho

A violência de gênero, em todas as suas manifestações, é um problema que atravessa a vida de todas as mulheres, todos os dias, em diferentes níveis. A violência doméstica, por sua vez, impacta famílias e estruturas, produzindo efeitos emocionais profundos nas vítimas e, portanto, exige respostas que articulem diferentes esferas da vida coletiva. A arquitetura, enquanto uma ciência social, deve atender às demandas que gritam nos cotidianos das cidades e, no que lhe cabe, promover espaços capazes de acolher, proteger, ressignificar e tornar potentes autonomias uma vez violadas.

Por isso, espaços de abrigo não devem se limitar ao atendimento de necessidades funcionais, mas serem lidos como parte do processo de cuidado. Mais do que apresentar uma solução definitiva, este trabalho buscou contribuir para a ampliação do debate sobre o papel da arquitetura no enfrentamento à violência doméstica. Afinal, se a violência tem a capacidade de romper o sentido de casa, a arquitetura pode colaborar para que ele seja, pouco a pouco, reconstruído.



Referências bibliográficas

ANDES. Homicídios contra mulheres cresce no Brasil, revela Atlas da Violência 2025. **ANDES Sindicato Nacional dos Docentes das Instituições de Ensino Superior**, 14 de maio de 2025. Disponível em: <<https://www.andes.org.br/conteudos/noticia/homicidios-contra-mulheres-cresce-no-brasil-revela-atlas-da-violencia-20251>>. Acesso em 11 set. 2025.

ARCHDAILY. Abrigo para Vítimas de Violência Doméstica / Amos Goldreich Architecture + Jacobs Yaniv Architects. **ArchDaily Brasil**, 08 jun. 2018. Disponível em: <<https://www.archdaily.com.br/br/912899/centro-de-oncologia-infantil-princess-maxima-liag-architects>>. Acesso em 16 set. 2025.

ARCHDAILY. Campus Avinya / Spacefiction Studion. **Archdaily Brasil**, 25 ago. 2025. Disponível em: <<https://www.archdaily.com.br/br/1033278/campus-avinya-spacefiction-studio>>. Acesso em 25 out. 2025.

ARCHDAILY. Centro de Capacitação CODEC / Kuakata Community Development Centre (CODEC). **ArchDaily Brasil**, 09 out. 2025. Disponível em: <<https://www.archdaily.com.br/br/1034789/centro-de-capacitacao-codec-kuakata-community-development-centre-codec>>. Acesso em 25 out. 2025.

ARCHDAILY. Centro de Oncologia Infantil Princess Máxima / LIAG architects. **ArchDaily Brasil**, 17 mar. 2019. Disponível em: <<https://www.archdaily.com.br/br/912899/centro-de-oncologia-infantil-princess-maxima-liag-architects>>. Acesso em 17 out. 2025.

AYRES, C. R. **Casa da Mulher Brasileira: Uma política pública para mulheres em situação de violência**. 2017. 156 f. Dissertação (Mestrado em Tecnologia e Sociedade) - Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, 2017. Disponível em: <https://repositorio.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/3111/1/CT_PP-GTE_M_Ayres%2C%20Cleison%20Ribeiro_2017.pdf>. Acesso em 01 out. 2025.

BELIATO, I. O. **A (Re)existência Feminina: Proposta de reinserção da mulher na sociedade**. Orientadora: Amanda Paixão. 2019. 59 f. Trabalho de Conclusão de Curso, Arquitetura e Urbanismo, Universidade Paranaense, Umuarama, 2019. Disponível em: <https://www.unipar.br/documentos/681/A_reexistencia_feminina_proposta_de_reinser%C3%A7ao_da_mulher_na_sociedade.pdf>. Acesso em 16 out. 2015.

BERNARDES, Y. Goiânia: Casa Abrigo Sempre Viva é refúgio para mulheres em situação de violência doméstica. **Expresso 360**, 27 nov. 2023. Disponível em: <<https://expresso360.com.br/goiania-casa-abrigo-sempre-viva-e-refugio-para-mulheres-em-situacao-de-violencia-domestica>>. Acesso em 01 set. 2025.

BRASIL, **Decreto nº 1973, de 1 de agosto de 1996**. Promulga a Convenção Interamericana para prevenir, punir e erradicar a violência contra a mulher, concluída em Belém do Pará, em 9 de junho de 1994. Presidência da República, Brasília, DF, 1º ago. 1996. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1996/d1973.htm>. Acesso em 01 out. 2025.

BRASIL. **Plano Nacional de Políticas para as Mulheres**. Brasília: Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, 2004. Disponível em: <<https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/PNPM.pdf>>. Acesso em 11 set. 2025.

BRASIL. **Lei nº 11.340**, de 7 de agosto de 2006a. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/l11340.htm> Acesso em 11 set. 2025.

BRASIL. **Termo de Referência: apoio a Casas-Abrigo, Centros de Referência e projetos de capacitação para mulheres**. Brasília: Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, 2006b. Disponível em: <<https://www.senado.leg.br/comissoes/documentos/SSCEPI/DOC0047-3-TERMOS%20DE%20REFER%C3%84NCIA%202007.pdf>> Acesso em: 10 set. 2025.

BRASIL. **Norma Técnica de Padronização das Delegacias Especializadas de Atendimento às Mulheres – DEAMs**. Brasília: Secretaria de Políticas para as Mulheres, 2010. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/navegue-por-temas/politicas-para-mulheres/arquivo/area-imprensa/documentos-1/NORMA%20TECNICA%20DE%20PADRONIZACAO%20DAS%20DEAMS_.pdf/view>. Acesso em 10 set. 2025.

BRASIL. **Política Nacional de Enfrentamento à Violência contra as Mulheres**. Brasília: Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, 2011a. Disponível em: <<https://www.gov.br/mdh/pt-br/navegue-por-temas/politicas-para-mulheres/arquivo/arquivos-diversos/sev/pacto/documentos/politica-nacional-enfrentamento-a-violencia-versao-final.pdf>>. Acesso em 10 set. 2025.

BRASIL. **Rede de Enfrentamento à Violência contra as Mulheres**. Brasília: MDHC, 2011b. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/institucional/omv/copy_of_acervo/outras-referencias/copy2_of_entenda-a-violencia/pdfs/rede-de-enfrentamento-a-violencia-contra-as-mulheres>. Acesso em 10 set. 2025.

BRASIL. **Pacto Nacional pelo Enfrentamento à Violência Contra a Mulher**. Brasília: Secretaria de Políticas para as Mulheres, 2011c. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/institucional/omv/copy_of_acervfo/outras-referencias/copy2_of_entenda-a-violencia/pdfs/pacto-nacional-pelo-enfrentamento-a-violencia-contra-as-mulheres>. Acesso em 11 set. 2025.

BRASIL. **Diretrizes nacionais para abrigamento de mulheres em situação de risco e de violência**. Brasília: [s.n.], 2011d. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/institucional/omv/copy_of_acervo/outras-referencias/copy2_of_entenda-a-violencia/pdfs/diretrizes-nacionais-para-o-abrigamento-de-mulheres-em-situacao-de-risco-e-de-violencia>. Acesso em 11 set. 2025.

BRASIL. Diretrizes Gerais e Protocolos de Atendimento da Casa da Mulher Bra-

sileira. Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, 2015. Disponível em: <https://catalogo.ipea.gov.br/uploads/156_1.pdf>. Acesso em 13 set. 2025.

BRASIL. **Sistema de Informações sobre Mortalidade**. Ministério da Saúde, 2025a. Disponível em: <<https://www.gov.br/saude/pt-br/composicao/svsa/sistemas-de-informacao/sim>>. Acesso em 16 set. 2025.

BRASIL. **Caderno temático de referência: padronização nacional das delegacias especializadas de atendimento à mulher - DEAMs**. Ministério da Justiça e Segurança Pública, 2025b. Disponível em: <https://www.mprs.mp.br/media/areas/evcm/arquivos/padronizacao_nacional_das_deams.pdf>. Acesso em 11 set. 2025.

BRASIL. **Caderno Temático de Referência: Padronização Nacional das Patrulhas Maria da Penha**. Brasília: Secretaria Nacional de Segurança Pública, 2025c. Disponível em: <<https://www.gov.br/mj/pt-br/assuntos/sua-seguranca/seguranca-publica/estatistica/pesquisaperfil/caderno-tematico-de-referencia-padronizacao-nacional-das-patruilhas-maria-da-penha-1.pdf/>>. Acesso em 16 set. 2025.

BRASIL. **Painel de Monitoramento da Casa da Mulher Brasileira**. Ministério das Mulheres, 04 set. 2025d. Disponível em: <<https://www.gov.br/mulheres/pt-br/acesso-a-informacao/acoes-e-programas/casa-da-mulher-brasileira/painel-demonitoramento>>. Acesso em: 16 set 2025.

BRASIL. **Casa da Mulher Brasileira**. Ministério das Mulheres, s.d. Disponível em: <<https://www.gov.br/mulheres/pt-br/acesso-a-informacao/acoes-e-programas/casa-da-mulher-brasileira>>. Acesso em 13 set. 2025.

BUENO, Silveira. **Minidicionário da Língua Portuguesa**. São Paulo: FTD, 2007.

CANES, Michèle. Centro reúne serviços para atender mulheres vítimas de vio-

lência no DF. **Agência Brasil**, 31 maio 2015. Disponível em: <<https://agencia-brasil.ebc.com.br/geral/noticia/2015-05/centro-reune-servicos-para-atender-melhor-mulheres-vitimas-de-violencia-no-df>>. Acesso em 13 out. 2025.

CARLOTO, C. M.; CALÃO, V. F. **A importância e o significado da Casa Abrigo para mulheres em situação de violência conjugal**. Emancipação, Ponta Grossa-PR, Brasil., v. 6, n.1, 2006. Disponível em: <<https://revistas.uepg.br/index.php/emancipacao/article/view/79>>. Acesso em 15 set. 2025.

CONSELHO NACIONAL DE JUSTIÇA. O que são e como funcionam as Casas-Abrigo. **CNJ**, 16 nov. 2018. Disponível em: <<https://www.cnj.jus.br/cnj-servico-o-que-sao-e-como-funcionam-as-casas-abrigo/>>. Acesso em: 11 set. 2025.

CONSELHO NACIONAL DE JUSTIÇA. **Painel Violência Contra a Mulher**. 2025. Disponível em: <<https://justica-em-numeros.cnj.jus.br/painel-violencia-contra-mulher/>>. Acesso em 11 set. 2025.

CNN BRASIL. Brasil tem 17 denúncias de violência contra mulher por hora, diz o Ministério. **CNN Brasil**, 07 de agosto de 2025. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/brasil/brasil-tem-17-denuncias-de-violencia-contra-mulher-por-hora-diz-ministerio/>>. Acesso em 11 set. 2025.

DEAM ESTADUAL DE GOIÂNIA. **Dados de encaminhamentos à casas de acolhimento em Goiânia**. Entrevista cedida à Lara Carolina. Goiânia, 22 out. 2025.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **Visível e Invisível: A vitimização de mulheres no Brasil**. 5. ed. São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2025. Disponível em: <<https://forumseguranca.org.br/publicacoes/visivel-e-invisivel-5ed/>> . Acesso em 10 set. 2025.

FUÃO, Fernando. **As formas do acolhimento na arquitetura**. In: SOLIS, D. E. N.;

FUÃO; F. F., Derrida e arquitetura. Rio de Janeiro, EdUERJ 2015.

FUNCIONÁRIA DO CEVAM. **Conhecendo a casa**. Entrevista cedida à Lara Carolina. 15 out. 2025.

GOIÂNIA. **Código de Obras e Edificações do Município de Goiânia**. Goiânia, 2008 (atualizado pela Lei Complementar 364/2023). Disponível em: <<https://www.goiania.go.gov.br/download/legislacao/codigodeobras.pdf>>. Acesso em: 20 nov. 2025..

GOIÂNIA. **Casa da Mulher Brasileira será implementada em Goiânia**. Secretaria Municipal de Desenvolvimento Humano e Social, 18 dez. 2020. Disponível em: <<https://www.goiania.go.gov.br/semasdh/2020/07/22/casa-da-mulher-brasileira-sera-implementada-em-goiania/>>. Acesso em 18 out. 2025.

GOIÂNIA. Casa Abrigo Sempre Viva. **Instagram**: @prefeituradegoiania, 04 mar. 2025. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/DGyq9jVue5i/?img_index=1>. Acesso em 01 set. 2025.

GOIÂNIA. **Sobre a Secretaria**. Secretaria Municipal de Políticas para as Mulheres, Assistência Social e Direitos Humanos, s.d.a. Disponível em: <<https://www.goiania.go.gov.br/semasdh/sobre-a-secretaria/>>. Acesso em 25 set. 2025.

GOIÂNIA. **Casa Abrigo Sempre Viva**. Secretaria Municipal de Desenvolvimento Humano e Social, s.d.b. Disponível em: <https://www.goiania.go.gov.br/sing_servicos/acolhimento-de-mulheres-vitimas-de-violencia-domestica-e-ou-familiar/>. Acesso em 01 set. 2025.

GOIÁS. **Patrulha Maria da Penha é ampliada para mais 18 municípios goianos**. Controladoria-Geral do Estado, 4 jul. 2017. Disponível em: <<https://goias.gov.br/controladoria/patrulha-maria-da-penha-e-ampliada-para-mais-18-municipi>>.

pios-goianos/>. Acesso em 07 out. 2025.

GOIÁS. **Rede de Atendimento e Proteção à Mulher**. Secretaria de Desenvolvimento Social de Goiás, 07 ago. 2019. Disponível em: <<https://goias.gov.br/social/rede-de-atendimento-e-protecao-a-mulher/>>. Acesso em 07 out. 2025.

GOIÁS. **Ouvidoria da Mulher**. Secretaria de Estado de Desenvolvimento Social, 28 mr. 2025. Disponível em: <<https://goias.gov.br/social/ouvidoria-da-mulher/>>. Acesso em 25 set. 2025.

GOIÁS. HEMU – Hospital Estadual da Mulher Dr. Jurandir do Nascimento. Secretaria de Estado da Saúde, s.d.a. Disponível em: <<https://goias.gov.br/saude/hemu/>>. Acesso em 21 set. 2025.

GONÇALVES, D. B. **Centro de acolhimento para mulheres vítimas de violência doméstica**. 2025. 167 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia. 2025.

HIGUCHI, M. I. G. **A sociabilidade da estrutura espacial da casa: processo histórico de diferenciação social por meio e através da habitação**. Revista de Ciências Humanas, Florianópolis: EDUFSC, n.33, p.49-70, abr. 2003.

KON, N. Hospital Sarah Kubitschek Salvador, Lelé - Salvador/BA, 1994. **Nelson Kon**, s.d. Disponível em: <<https://www.nelsonkon.com.br/hospital-sarah-kubitschek-salvador/>>. Acesso em 17 out. 2025.

ONU MULHERES. **Casa da Mulher Brasileira**. Maio de 2021. Disponível em: <<https://www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2021/06/casa-da-mulher-brasileira-online.pdf>> . Acesso em 01 out. 2025.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Global Database on the Prevalence of Violence Against Women**. 2018. Disponível em: <<https://vaw-data.srhr.org/>>

data>. Acesso em 11 set. 2025.

PESSONI, Carolina. Cevam apoia e beneficia mulheres há 42 anos na região central de Goiânia. **A Redação**, 18 ago. 23. Disponível em: <<https://www.aredacao.com.br/colunas/193637/cevam-apoia-e-beneficia-mulheres-ha-42-anos-na-regiao-central-de-goiania>>. Acesso em 21 ago. 25.

POLÍTICAS PARA AS MULHERES. **Gov.br**, s.d. Disponível em: <<https://www.gov.br/pt-br/temas/politica-para-mulheres>>. Acesso em 10 set. 2025.

SÃO PAULO. **Decreto nº 50.093**, de 9 de outubro de 2008. Dispõe sobre a criação de casas-abrigo para o atendimento de mulheres em situação de violência doméstica e seus dependentes. São Paulo: Prefeitura do Município de São Paulo, 2008. Disponível em: <<https://legislacao.prefeitura.sp.gov.br/leis/decreto-50093-de-9-de-outubro-de-2008>>. Acesso em: 11 set. 2025.

RÁDIO BANDEIRANTES GOIÁS. Casa Abrigo Sempre Viva oferece abrigo e capacitação para mulheres vítimas de violência, em Goiânia. **Youtube**, 27 nov. 2023. 16min45s. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=aHCU-9BEK3yA>>. Acesso em 01 set. 2025.

SAVI, A. E. **Contribuições da arquitetura sobre o acolhimento de crianças e adolescentes em abrigos institucionais**. 2018. 303f. Tese de Doutorado - Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo na área de Projeto e Tecnologia do Ambiente Construído, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018.

SILVA, Amanda Carvalhaes e; DUARTE, Ana Beatriz de Melo; ALEXANDRE, Leticia Isabelle Giroldi de; GANDINI, João Marcelo Danza. **Arquitetura e saúde: a importância dos centros de acolhimento para o bem-estar de mulheres e crianças**. Revista DELOS, Curitiba, v. 18, n. 66, p. 01-23, 2025. DOI: 10.55905/

rdelosv18.n66-064. ISSN: 1988-5245.

SINPOL. **Delegacias Especializadas**. Sindicato dos Policiais Civis de Goiás, 2025. Disponível em: <<https://www.sinpolgo.org.br/delegacias-especializadas>>. Acesso em 07 out. 2025.

THE LOCAL PROJECT. A Different Level - Corner House by Archier. **The Local Project**, s.d. Disponível em: <<https://thelocalproject.com.au/articles/corner-house-by-archier-issue-06-feature-the-local-project/>>. Acesso em: 10 out. 2025.

VASCONCELOS, Renata Thaís Bomm. **Humanização de ambientes hospitalares: características arquitetônicas responsáveis pela integração interior/exterior**. 2004. Dissertação (Mestrado) — Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004.

WALKER, Lenore. **The battered woman**. New York: Harper and How, 1979.